ANO 25.º — Número 1284 • O Jornal de maior expansão e defensor dos interesses de Guimarães • Domingo, 12 de Agosto de 1956

Director, editor e proprietário
Antonino Dias Pinto de Castro
Redacção e Administração:
Rua da Rainha, 56-A
Telef. 4313

Notícias de Guimarães

FUNDADO EM 1932

Composição e impressão
TIP. IDEAL
Telef. 4381
VISADO PELA CENSURA
— AVENÇA —

Foi imponentíssima

a Cerimónia da Bênção e entrega da Bandeira de Santa Maria de Guimarães ao Povo e às Tropas da India

Guimarães viveu no domingo horas inesquecíveis de entusiasmo e de fé, de olhos postos no seu Passado imorredoiro e afirmou os seus sentimentos de bairrismo e amor pátrio no desenrolar do acto soleníssimo da Bênção e da entrega da Bandeira que ofereceu ao Povo e às Tropas da India — Mensagem Gloriosa da nossa Terra, Terra de Santa Maria onde a Pátria nasceu para logo se lançar nas Descobertas e nas Conquistas — a um longe, pedaço da nossa Pátria, onde se fala a nossa língua e pulsam corações de irmãos nossos.

E Guimarães cumpriu, honrando-se com a presença de ilustres Membros do Governo, figuras prestigiosas que quiseram dar àquela iniciativa vimaranense o verdadeiro cunho de festa nacional, tendo-lhes tributado, em manifestação calorosa e franca hospitalidade, toda a sua admiração e alto apreço.

Todos estiveram presentes, nesses momentos de júbilo e todos assistiram, na hora alta da consagração da Pátria, àquela cerimónia que ficará pelos tempos fora a marcar nova e notável demonstração dos sentimentos patrióticos da nossa Terra e da sua gente.

A Recepção aos Membros do Governo

Foi precisamente às 10 horas, como estava anunciado, que essa cerimónia começou, à entrada da cidade, junto do histórico Padrão de D. João I, em S. Lázaro.

Um esquadrão apeado do Regimento de Cavalaria 6, com fanfarra e guião, sob o comando do capitão Almeida Santos, e a banda de Infantaria 6, alinhavam ali, num sector já pertencente à rua de D. João I. Noutro sector da mesma artéria, formavam grupo numerosas individualidades, entre as quais os srs. tenente-coronel Nery Teixeira, Governador Civil de Braga; dr. José Maria de Castro Ferreira, presidente da Câmara Municipal de Guimarães, acompanhado pelos elementos da respectiva vereação; eng.º Duarte do Amaral, presidente da Comissão Concelhia do União Nacional; deputados pelo círculo de Braga, dr. Alberto Cruz e cap. Magalhães Couto; almirante Sousa Ventura, antigo comandante geral da Armada; brigadeiro Magalhães Ramalho, 2.º comandante da 1.ª Região Militar; tenente-coronel Silva Bessa e major Aires Martins, respectivamente chefe e sub-chefe do Estado-Maior da mesma Região Militar; tenente-coronel Carvalho Nunes, comandante de Cavalaria 6; capitão Euclides de Barros, comandante distrital da P. S. P.; António Emílio da Costa Ribeiro, presidente do Grémio do Comércio e da Comissão das Festas Gualterianas, acompanhado pelos restantes membros da mesma Comissão, etc., etc..

E ainda num terceiro sector, o mais vasto, centenas de pessoas de todas as categorias sociais, contidas à distância conveniente por guardas da P. S. P..

Tudo a postos, pois, para receber os ilustres visitantes, cuja chegada, à hora exactamente marcada, como dissemos, foi assinalada pelo estralejar de foguetes e por entusiásticas aclamações da multidão. Vieram todos eles em automóveis: no primeiro, o sr. coronel Santos Costa, Ministro da Defesa, que era acompanhado pelos srs. tenente-coronel Kulza de Arriaga, Subsecretário da Aeronáutica; General Cotta Morais, comandante da 1.ª Região Militar; tenente-coronel Francisco Alves e os ajudantes de campo do respectivo Ministro, srs. 1.º tenente Melo Breyner e capitão Mangas; no segundo, os srs. almirante Américo Tomás, Ministro da Marinha; comandante Henrique Tenreiro, comandante Henrique Jorge, Director-Geral da Marinha Mercante; e o ajudante de campo do ilustre membro do Governo, comandante Guilherme Tomás; e nos restantes automóveis, outros convidados.

Novos aplausos se ouviram quando os três membros do Governo se apearam e receberam os cumprimentos das individualidades que os aguardavam.

E sem demora, seguindo a pé, visitantes e visitados, dirigiram-se para junto do Padrão de Aljubarrota, já no Largo de S. Lázaro, ocupando lugar numa tribuna ali armada.

Realizou-se então a simbólica sessão de boas-vindas, que foram dadas pelo presidente do Município vimaranense.

«Sejam Vossas Excelências bemvindos à Terra Mater da Nacionalidade»

Num ambiente de profundo silêncio o sr. Dr. José Maria de Castro Ferreira, presidente do Município, proferiu, então, o seguinte discurso:

«Encontram-se Vossas Excelências, Senhores Ministros, no Berço Sagrado da Nacionalidade Portuguesa, precisamente no mesmo local onde, há 571 anos, veio D. João I em cumprimento do seu voto de agradecimento a Santa Maria de Guimarães, pelas graças e bênçãos recebidas do Céu na hora memorável e incerta em que se desenrolou o prélio de armas de Aljubarrota.

Daqui partiu para junto de Santa Maria da Oliveira — então Padroeira de Portugal.

A Igreja, que primitivamente fôra um mosteiro mandado edificar pela fundadora do Burgo Vimaranense — a Condessa de Mumadona — sofreu, ao longo dos séculos, várias modificações na sua traça arquitectónica, mas conserva há muito o título nobilíssimo e honroso de Insígne e Real Colegiada de Guimarães.

Também Vossas Excelências — Senhores Ministros — aqui vieram e daqui partiremos todos para as naves desse venerando monumento, onde vai ser solenemente benzida pelo Senhor Arcebispo Primaz, a Bandeira que o Município da minha presidência resolveu oferecer ao povo e aos soldados da India.

A Bandeira, em linho da região e com a efígie de Nossa Senhora da Oliveira, bordada a ouro, destina-se ao povo e às forças que naquela parcela distante do território português, são sentinelas duma civilização que não pode morrer, nem morrerá.

E com tanta mais convicção pronuncio estas palavras, quanto é certo. ter sido bem perto daqui, nos campos abençoados de S. Mamede, que a Nação Portuguesa iniciou a sua caminhada gloriosa e com ela uma civilização moldada ao modo ocidental — civilização que havia de ir a todos os mares e a todos os continentes, num esforço evangelizador e cristão, que ainda perduram.

A' mesma missão de Paz se destina a Bandeira que vai ser oferecida pela minha terra.

Que Nossa Senhora da Oliveira abençoe a India e o próprio Mundo conturbado!

Não quero terminar sem uma palavra de agradecimento devida a Vossas Excelências e ao próprio Governo de Salazar: agradecimento por Vossas Excelências terem vindo até nós. A Salazar pelo que tem feito pelo nome de Portugal.

A Vossas Excelências, em meu nome e no do concelho de Guimarães, dirijo os meus cumprimentos de boas-vindas.

Sejam Vossas Excelências bemvindos, à Terra Mater da Nacionalidade».

Organizou-se então um novo cortejo, também a pé — agora a caminho da Insigne e Real Colegiada — que seguiu num ambiente de verdadeira apoteose, pela rua de D. João I, largo do Toural e rua da Rainha. Das janelas, de onde pendiam colchas e colgaduras, eram lançados sobre os ilustres visitantes milhares de papelinhos verde-brancos — num espectáculo de lindo efeito; nos passeios, o povo comprimia-se e esgotava-se em aclamações; e em cada uma das artérias citadas, bandas de música executavam o Hino da Cidade no momento da passagem do cortejo.

E assim foi sempre até à entrada da Igreja da Insigne e Real Colegieda, onde os membros do Governo e demais convidados eram aguardados pelo Sr. D. António Bento Martins Júnior, Arcebispo Primaz e por outras autoridades eclesiásticas.

Então aquele veneraudo Prelado acompanhou os recem-chegados até à capela-mor da Igreja, onde iria realizar-se a cerimónia da bênção e entrega da Bandeira de Nossa Senhora da Oliveira.

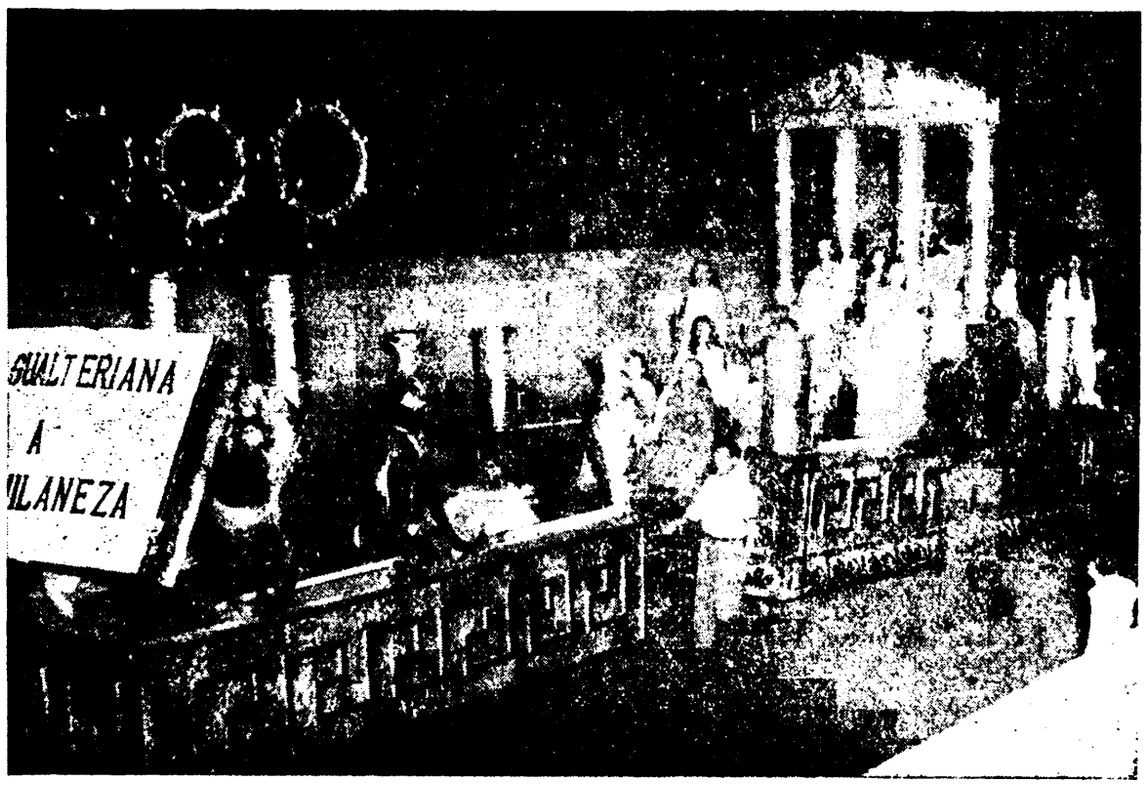
Nos cadeirais do lado da Epístola e do Evangelho sentaram-se então os três membros do Governo, os 1.º e 2.º comandantes da 1.ª Região Militar, o Governador Civil de Braga e o presidente do Município vimaranense, deputados, etc..

A' entrada da capela-mor formavam deputações da Legião Portuguesa e dos Sindicatos e de outros organismos com os respectivos estandartes; e no interior, ao centro, a escolta representativa da India que iria receber a Bandeira, constituida pelo cabo de polícia Hilário Duarte Fernandes, guarda de 1.ª classe Roque Joaquim Bernardo Monteiro — ambos goeses; soldado arvorado, africano, Quiala Quipuemba, que presta serviço no Quartel General do Estado da India; o marinheiro-artilheiro Joaquim José, do Corpo de Marinheiros, que já serviu em Goa; e o 2.º sargento Deolindo Lemos, de Metralhadoras 3, tendo como porta-estandarte o sr. tenente Francisco José Martins Ferreira, de Cavalaria 6, que também já serviu na India Portuguesa.

No altar-mor, ao lado, em lugar especial, sentou-se o Sr. Arcebispo Primaz — e na sua frente, de pé, colocaram-se os srs. eng.º António Rodrigues Pinheiro, vice-presidente da Câmara Municipal de Guimarães, com a Bandeira de Nossa Senhora da Oliveira; e o vereador, dr. Gonçalo Leite de Faria, com o estandarte do concelho.

Ia começar a cerimónia da bênção e entrega daquela preciosa Bandeira.

Continua na 3.ª página.



O Carro «Bodas de Ouro» da Marcha Gualteriana

As Festas da Cidade

decorreram com muito brilhantismo

Terminaram, já alta madrugada de terça-feira, as Festas Gualterianas, que este ano solenizaram as suas Bodas de Ouro *e decorreram com bastante brilho, atraindo a esta cidade, como sempre, milhares de forasteiros.*

Alguns números, como a Procissão, no domingo; o festival etnográfico e a Marcha Gualteriana, na 2.ª-feira, foram levados a efeito por forma a bem merecerem os louvores que ninguém lhes regateou e os aplausos que em todos despertaram. A cidade viveu, de novo, três dias inolvidáveis. Guimarães cumpriu, mais uma vez, o seu dever, mantendo a tradição de umas festas que nasceram há meio século precisamente e são notável afirmação de vitalidade.

Veio, nesses dias, gente de toda a parte, muita gente que encheu as ruas e as Praças e nelas se deteve, horas e horas, na contemplação das decorações, escutando as filarmónicas, apreciando os Ranchos regionais e vivendo connosco as horas alegres de tão festivos dias, para deixar-nos com os seus louvores a certeza de aqui ter passado momentos de indescriptível prazer.

As Feiras Francas e o Concurso Pecuário

A cidade surgiu vistosamente engalanada, despertando-a os acordes do Hino da Cidade e o estralejar dos foguetes.

As Feiras Francas, realizadas durante o dia de sábado, foram, como sempre, concorridíssimas, estando nelas representados diferentes concelhos, e deram motivo a grandes transacções.

Na Avenida D. João IV, realizou-se o Concurso Pecuário de gado bovino, suíno, cavalar e ovino, organizado pelo Grémio da Lavoura, com subsídios da Direcção Geral dos Serviços Pecuários.

Inscreveram-se lavradores de numerosos concelhos, que apresentaram cento e trinta cabeças de gado. O juri era constituído pelos srs. dr. Beleza Ferraz e dr. José Pedro do Rosário, Intendente e adjunto da Pecuária de Braga; dr. Manuel Garcia e dr. Fernande Prata Dias, da Intendência de Pecuária do Porto, e José Ribeiro Dias e João de Carvalho, pelo Grémio da Lavoura.

Os prémios atribuídos, e de cuja entrega se encarregou o presidente da Câmara Municipal — dinheiro, taças e medalhas — ascendiam a dezoito contos. Na mesa de honra tomaram lugar, além do dr. J. M. Castro Ferreira, os srs. capitão Magalhães Couto e António Emílio da Costa Ribeiro, presidentes dos Grémios do Comércio e da Lavoura.

Entre as chamadeiras de gado, vestidas com trajos regionais e «cobertas» de ouro, foram distinguidas dez: com uma libra em ouro, Maria Helena Martins da Silva, de S. Torcato; com meias libras, Leopoldina Aurora Pereira e Leopoldina Rosa Pinheiro, de S. Torcato; com corações de filigrana: Maria Aurora Vaz e Joaquina Pinheiro, de Atães; Ermelinda Correia de Oliveira, de S. Torcato, e Rosa Pinheiro, de Atães; com lenços de cruzar: Maria Celeste Vaz, de Atães; Rosa Fernandes de Araújo, de Fafe, e Maria Martins Fernandes, de Rendufe.

Exposição de 30 anos de obras públicas no concelho de Guimarães

Por louvável iniciativa da Câmara Municipal, foi também integrado no programa das festas o acto inaugural de uma exposição documental dos trabalhos levados a efeito no concelho com o patrocínio ou por directa acção do Ministério das Obras Públicas, que já figurara, aliás, num certame do género, mas relativo a todo o distrito, levado a efeito em Braga por ocasião das últimas comemorações do 28 de Maio.

A referida exposição está patente numa das salas do edifício da Sociedade Martins Sarmento, em cujo átrio figura uma perfeita maqueta do Castelo da cidade. A' entrada do recinto, ocupado pelo certame, vê-se um quadro a óleo com a figura de D. Afonso Henriques, pelo artista Eduardo Malta — quadro ornamentado com festões da Fundação da Nacionalidade; e ainda uma maqueta da capela de Santa Maria do Castelo, onde foi baptizado o primeiro Rei de Portugal. Mais adiante, num recanto arranjado à maneira de altar, figuram as velhas chaves da cidade e o respectivo estandarte. Aos lados, vêem-se modelos dos trajos típicos da região.

Seguem-se em várias secções, documentos diversos — fotografias, maquetas, esboços e gráficos — das obras de interesse público levadas a efeito, em construção ou em projecto no concelho.

A' inauguração do interessante certame — organizado pelo sr. dr. José Catanas Diogo, vereador do pelouro da Cultura e vice-reitor do Liceu — assistiram, além de outras individualidades, os srs. dr. José de Castro Ferreira, presidente do Município; Manuel Soares Moreira, elemento da respectiva vereação; arquitecto Luís Benavente, dos Monumentos e Edifícios Nacionais, e eng.º Duarte do Amaral, das Obras Públicas.

Continua na 4.ª página.

A POPULAÇÃO VIMARANENSE

manifestou o seu júbilo pela colocação de uma Unidade Militar nesta Cidade

A Cidade de Guimarães, que há quase 30 anos viu partir, com desgosto, o velho e glorioso Regimento de Infantaria 20, que durante muitos anos esteve aqui aquartelado e que em França honrou nobremente a nossa Pátria, e que sustentou durante estas dezenas de anos a aspiração de ver-se de novo engrandecida pela permanência adentro de seus venerandos muros de uma Unidade Militar, não pôde esconder a sua enorme satisfação ao tomar conhecimento do decreto publicado no «Diário do Governo» do dia 3, segundo o qual é colocado nesta cidade o Regimento de Cavalaria 6, que provisòriamente se encontra aquartelado no Porto.

A notícia, que aqui começou a circular logo na manhã de 3.ª-feira, deu motivo a que todos os vimaranenses se manifestassem, mostrando a sua grande satisfação, tendo muitos deles feito expedir

Continua na 2.ª página.

Um aspecto da manifestação de 5.ª-feira em frente à Câmara Municipal

Senhor Presidente do Conselho — Lisboa

Excelência:

A gente de Guimarães sempre atenta à prestigiosa Obra de Renovação Nacional realizada por Vossa Excelência e à honrosa dedicação pelos problemas da «Cidade Augusta onde com o coração do Primeiro Rei pela primeira vez bateu o coração de Portugal» agradece a Vossa Excelência a efectivação do seu anseio colocação Regimento sua Terra.

(telegrama que, coberto por muitas centenas de assinaturas, foi enviado ao Chefe do Governo, após a manifestação do dia 9).

João de Guimarães

— O ALFAGEME

Subiu ao púlpito da igreja da Oliveira, na hora solene de ser benzida a Bandeira de Guimarães, destinada à India portuguesa, um orador brilhante.

Foi um poema o seu discurso!

Aludindo às glórias de Guimarães, fez avultar no friso dos vimaranenses históricos a figura de João de Guimarães — aquele alfageme que alcançou celebridade imorredoura por haver sido, na poética narrativa da *Crónica do Condestabre,* o mestre que temperara, nas vésperas da Batalha de Aljubarrota, a espada gloriosa de D. Nuno Alves Pereira.

Em 1937 o Dr. Alfredo Pimenta reivindicou para a nossa terra a figura histórica do mestre João de Guimarães. Em 1939, tomando eu conta do tema, desenvolvi-o no 1.º volume d'*Os Mesteres de Guimarães.* (páginas 207-210).

Não pode um fugidio artigo de jornal dar todos os aspectos deste interessante assunto de ordem histórica. Mesmo assim, porque ele foi trazido ao púlpito em momento tão solene, vem a propósito pô-lo aqui em foco, acompanhando-o de algumas oportunas considerações.

Com efeito, João de Guimarães, nem por haver tido sua oficina, no século XIV, na cidade de Santarém, deixou de ser filho natural de Guimarães.

A' maneira daquela época, todos quantos emigravam da sua terra para a terra alheia, levavam consigo, aliado ao nome baptismal, o onomástico da terra de nascimento.

Muitas outras achegas esclarecedoras se nos oferecem na vida do artífice João de Guimarães, para com sua ajuda podermos concluir, — ter sido este mestre, «*ferreiro de béstas daço*», natural de Guimarães.

No meu livro já citado reproduzi com o rosto da pedra tumular, a indicação da igreja onde o mestre vimaranense foi levado a enterrar.

A «Crónica da Ordem dos Carmelitas» dá esta efeméride mortuária:

«... *O dito João de Guimarães sempre acompanhou ao Santo Condestável, não só no século, mas também que tomou o hábito e viveu na religião. Morrendo pois neste convento, o mesmo fundador lhe destinou honrada sepultura, onde por anos lhe mandou esculpir a marca de que usava nas espadas, e por epitáfio lhe fez lavrar no mármore, como de pessoa virtuosa, a ocupação e o nome*».

A lápide, em referência, é um documento epigráfico de grande valor para a nossa tese: — *João de Guimarães, cognominado na história como sendo «Alfageme de Santarém», na realidade não é de Santarém, mas de Guimarães!*

Diz assim a pedra tumular:

ESTA: SEPULTURA: HE:
DE: J: DE GUIMARAENS:
ALFAGEME

✝

Importa que o Municipio Vimaranense colabore nesta reivindicação histórica. Ao nosso vimaranensismo, esclarecido, justo, sem bravatas, impõe-se que seja gravado na nomenclatura de uma praça ou rua o nome e o feito memorável de João de Guimarães.

Na trapalhada que se observa na designação dos arruados citadinos, façamos destacar, por honra nossa, o nome do célebre Alfageme que, *sendo de Guimarães,* passa por ser de Santarém.

Sem menosprezar a terra alheia — ciosa como nós dos seus títulos — não queiramos que os outros nos julguem indiferentes na defesa do nosso património.

Eis o que, cívicamente, significará a reposição da verdade histórica, exalçando, glorificando, embora modestamente, o nome do mestre ferreiro, fabricante de alfanges, béstas de aço, e mais obras da armaria medieval, chamado — João de Guimarães.

A. L. DE CARVALHO.

Senhor Ministro da Defesa Nacional — Lisboa

Excelência:

População de Guimarães rejubilando colocação Regimento nesta Cidade sua ardorosa aspiração em manifestação pública junto Câmara Municipal fazendo ouvir «a sua voz como a própria voz da Pátria que retine» saúda em Vossa Excelência prestigiosa figura de militar o Exército Português e agradece a honrosa distinção concedida ao Altar da Pátria.

(telegrama que, coberto por muitas centenas de assinaturas, foi dirigido ao Sr. Ministro da Defesa, após a manifestação do dia 9).

O Regimento de Cavalaria 6

em Guimarães

Há muito que se previa em Guimarães uma unidade militar. E previa-se pela situação estratégica da nossa cidade, que os técnicos melhor do que nós saberão compreender e apreciar, aqui a localização dum quartel com duas estradas directas ao Porto, duas à fronteira do Minho e outras tantas à fronteira de Trás-os-Montes.

Além disso, por um dever de justiça, a velha cidade do 20 recebe agora a compensação dum direito que lhe pertencia.

De facto chegou agora a vez de Guimarães sentir a lufada de progresso que há muito esperava.

A velha cidade Afonsina de tão heróicas tradições, que todo o português conhece e admira pela tradição histórica, sempre se impôs através dos séculos pelos seus actos de heroicidade, de trabalho e de honradez. Não admira, portanto, que vença hoje e através dos tempos...

Referindo-nos ao extinto Regimento de Infantaria 20, queremos louvar a distinta oficialidade que na Guerra de 1914 a 1918, à frente dos seus subordinados, se cobriu de glória nos campos da Flandres e da Africa portuguesa.

Não esqueceremos jamais esses soldados que lá longe tombaram pela Pátria! Recordaremos sempre os seus feitos heróicos, que muito honram os portugueses e os vimaranenses!

Por tudo isso, a bandeira do Regimento de Infantaria 20, hoje no Museu Militar, em Lisboa, foi condecorada com a Cruz de Guerra de primeira classe.

Porque a verdade deve estar acima de tudo, devemos recordar — e já não é a primeira vez que o fazemos — que o Regimento de Infantaria 20 tomou parte activa no movimento restaurador do 28 de Maio, em 1926, com duas Companhias que estavam aquarteladas uma no Regimento de Intaria 29 e a outra num edifício adaptado a quartel, na chamada Cangosta da Palha, em Braga.

Essas Companhias foram até Lisboa e comandadas por oficiais do Regimento de Infantaria 20, recordando-nos neste momento dos já falecidos Capitão Júlio Pereira Machado e Tenente Mário Pinheiro, e, ainda, do Tenente José António de Matos Júnior, único sobrevivente e actualmente residente em Golães — Fafe.

Guimarães sempre se orgulhou do seu Regimento de Infantaria.

Por razões de ordem militar esse regimento foi transferido. Guimarães também não tinha quartel adequado. Os Paços dos Duques, então em ruinas, não podiam albergar um Regimento, nem essa poderia ser a sua função futura.

Sofreu Guimarães com essa reorganização militar que afastou daqui o 20.

Todos os vimaranenses o sentiram em silêncio. Compreenderam-no homens de vulto, entre os quais o Pai do actual Presidente da República, General Craveiro Lopes, quando exercia as funções de Comandante da 1.ª Região Militar, que aqui pretendeu colocar uma unidade, não o tendo conseguido por ter sido chamado a uma outra missão militar no ultramar português.

Compreendeu-o o actual Governo da Nação, o Presidente do Conselho, Doutor Oliveira Salazar, o Ministro da Defesa, Santos Costa.

E compreenderam-no ainda os bons portugueses, aqueles que amam a sua Pátria, que vêem em Guimarães o Berço da Nacionalidade, a terra do trabalho, do comércio e da indústria.

Por isso o «Diário do Governo», de 3 de Agosto findo, insere uma remodelação dos quartéis de cavalaria, passando d'oravante a localizar-se em Guimarães o Regimento de Cavalaria 6, provisòriamente instalado no Porto.

Guimarães, profundamente agradecida, em manifestação pública reconheceu ao Governo de Salazar as provas de carinho e alto apreço com que sempre têm sido apreciadas as nossas aspirações.

Se de facto Guimarães tinha necessidade de progredir e expandir-se, se aspirava diversas realizações justas que se estão a cumprir, esta, a da reorganização dos quartéis, criando na nossa cidade o Regimento de Cavalaria 6, encheu de júbilo o coração dos vimaranenses.

E' a restituição duma unidade militar a Guimarães, é o reconhecimento duma dívida em aberto.

Guimarães agradeceu hoje e agradece sempre. Guimarães sempre foi reconhecida e sempre esteve ao lado de Salazar desde a primeira hora. Guimarães não esquece Salazar, que já foi deputado pela nossa terra e também tem a certeza que Salazar nunca esqueceu este pequeno torrão, Berço da Pátria.

As provas de carinho ao Governo têm sido bem manifestadas pelos vimaranenses nos diversos actos patrióticos aqui realizados nos últimos anos.

E atrás desta manifestação, outras se seguirão de agradecimento sincero aos Homens que tão honrosamente encararam o ressurgir da nossa Terra.

J. SOARES LEITE.

COMEMORAÇÃO

do FEITO DE ALJUBARROTA

Na forma dos anos anteriores e a expensas da Câmara Municipal, realiza-se depois de amanhã, dia 14 e com a costumada imponência, a comemoração da Batalha de Aljubarrota, sendo celebrada às 10,30 horas, Missa Solene, no Padrão de Nossa Senhora das Vitórias, junto ao templo de Santa Maria da Oliveira, com alocução pelo talentoso orador sacro Rev. dr. Aurélio Fernando Martins Pereira. Ao acto assistirão a Câmara e demais Autoridades locais e pessoas de representação.

Obras Municipais

Começa dentro de breves dias a pavimentação dos passeios da Avenida D. Afonso Henriques.

Carta a uma Senhora

Minha Senhora:

Quando as esperanças não amortecerem e a justiça conservar a sua pureza dentro da esfera de acção que lhe está confiada, nada poderá destruir a sua projecção no ambiente social, transformando em realidades as aspirações de quem quer que seja, uma vez que estas forem justas e, portanto, dignas de serem atendidas por quem de direito.

Quero referir-me, minha Senhora, à recente notícia de ter sido colocada em Guimarães uma Unidade Militar, velha aspiração dos Vimaranenses perante a retirada do glorioso Regimento de Infantaria 20, que em terras portuguesas e estrangeiras soube conquistar grande e merecido prestígio e dignificar a Bandeira da Pátria, fazendo-a flutuar ao vento da vitória e cobrindo com Ela o Padrão da sua imorredoura glória.

Porque assim aconteceu, foi com a mais profunda e a mais sentida mágoa que os Vimaranenses viram desaparecer desta cidade o seu antigo Regimento, mágoa e sentimento que então manifestaram junto do Poder Central, sem que, todavia, conseguissem retemperar o seu espírito relativamente aos desejos manifestados no sentido de ser feita a devida justiça a Guimarães.

Mas os anos foram passando e com eles continuaram as mesmas aspirações e os mesmos anseios da população Vimaranense com referência à Unidade Militar.

Ora, como «*quem espera sempre alcança*». este povo soube esperar pela hora da justiça que, finalmente, chegou com a colocação do Regimento de Cavalaria 6 nesta cidade. Digo chegou a hora da justiça, porque, de facto, de justiça se trata, como, aliás, o reconheceu o próprio Governo da Nação, transferindo para aqui aquele Regimento.

Verifica-se, assim, que se vão dissipando as nuvens que lançavam nas trevas o progresso de Guimarães, onde se ergue o mais belo e o mais significativo Altar da Pátria, símbolo que marca o ***Dia Um de Portugal!***

Não sei, minha Senhora, como V. Ex.ª interpretará as considerações que acabo de fazer dentro do assunto a que dei preferência para escrever esta carta, mas, de qualquer forma, não me arrependerei eu de ter interpretado a voz da minha consciência, que continua a ter esperanças em dias cada vez melhores para Guimarães.

Por isso, desejo ardentemente que todos os Vimaranenses sintam a alegria e a satisfação de verem progredir a sua terra a passos agigantados, de modo a verem curada a paralisia que a não deixava caminhar para o lugar que deve ocupar no horizonte da prosperidade.

E para terminar, dirijo as minhas saudações ao Ilustre Presidente da Câmara, como intérprete das aspirações dos Vimaranenses junto das Entidades Superiores, e faço votos para que os espinhos do dia de ontem se transformem em rosas no dia de amanhã.

Agosto de 1956. De V. Ex.ª cd.º ven.or e obg.º X.

COBRADOR Oferece-se para qualquer cobrança dentro do concelho de Guimarães. Dá fiador. Informa esta Redacção. 499

O patriótico acto da entrega da Bandeira para a India

Os Ministros e demais autoridades à saída da Igreja da Colegiada

A Unidade Militar para Guimarães

Continuação da 1.ª página

telegramas de congratulação e de reconhecimento aos Senhores Presidente do Conselho e Ministro da Defesa.

Logo no dia imediato, na 4.ª-feira, ao tomar-se conhecimento do Decreto, repicaram festivamente os sinos da cidade e estralejaram salvas de morteiros e na 5.ª-feira à tarde, promovida por um grupo de vimaranenses, teve lugar uma grande manifestação para tributar ao Governo, por intermédio da Câmara Municipal — o agradecimento do Concelho.

Ao apelo que lhe foi dirigido toda a população se associou à grandiosa manifestação — uma das maiores a que temos assistido — em que tomaram parte muitos milhares de pessoas de todas as camadas sociais, Sindicatos e diversos organismos culturais, desportivos, recreativos e beneficentes com os seus estandartes, bandas de música, Corporações de Bombeiros de Guimarães, Vizela, Taipas, etc..

Os manifestantes que fizeram a sua concentração no Largo 28 de Maio, percorreram em seguida a cidade, pouco passava das 18 horas, até junto da Câmara Municipal, onde a vereação se encontrava reunida.

Então usou da palavra, em nome dos manifestantes, o sr. A. L. de Carvalho, que assim terminou o seu entusiástico discurso:

— Aqui está o povo, agradecido e contente, a manifestar a sua gratidão ao Governo. Sejam V. Ex.as (voltando-se para a Câmara) os intérpretes deste nosso estado de alma. Vibrantemente, para que nos oiçam, ergamos a nossa sempre querida saudação: Viva Guimarães!

Falou depois o deputado Capitão sr. José Maria de Magalhães Couto:

«Por circunstâncias a que a população de Guimarães foi completamente estranha, viu-se em dado momento esta cidade sem a sua antiga Unidade Militar: O glorioso Regimento de Infantaria 20.

Reconhecendo a necessidade da dura medida então tomada, não deixou Guimarães, porém, de procurar demonstrar desde logo a injustiça que assim foi feita aos sentimentos do mais são patriotismo da sua população e do imerecido abandono a que tinham sido votados os seus mais altos interesses.

A Revolução Nacional em cuja génese se encontrava a distribuição de justiça a todos, havia de recolher no coração dos seus mais altos representantes as reclamações justas de um povo ordeiro, trabalhador e patriota que em tudo mostra a suprema aspiração de ser útil ao seu semelhante e de concorrer tanto quanto de si dependa para o progresso da sua terra e o engrandecimento da sua Pátria.

Persistentemente, dedicados vimaranenses e até simples amigos cujos nomes hão-de constar por certo da história desta linda terra para edificação de futuras gerações, empenham-se em mostrar, junto dos altos poderes do Estado, quanto de justo tem os anseios de Guimarães, e já hoje, Senhor Presidente da Câmara, graças a Salazar e ao seu Governo, ao prestígio e criteriosa actuação de V. Ex.ª na gestão dos negócios camarários, tem V. Ex.ª a suprema ventura de recolher os primeiros e amadurecidos frutos de um longo e exaustivo trabalho.

A publicação do Decreto 40.724, com data de 3 de Agosto corrente, colocando em Guimarães a séde de uma Unidade Militar satisfaz, neste pormenor, à justiça que a esta terra assistia pela sua importância histórica e alto valor económico.

A este tão notável melhoramento outros se vão seguir, promovidos pelo Governo da Nação, aos quais V. Ex.ª vai dar, por certo, o calor do seu entusiasmo e o prestígio do seu nome e valimento, para a mais pronta realização.

Razão tem por isso, este bom e generoso povo de Guimarães em vir junto de V. Ex.ª e da Câmara a que tão distintamente preside, manifestar-lhe franco aplauso e o mais sincero agradecimento pelos árduos trabalhos e inevitáveis sacrifícios que a causa pública sempre traz a quem, como V. Ex.ª, dedicadamente a servem, e rogar-lhe, Senhor Presidente da Câmara, que transmita ao Governo da Nação e especialmente ao Nobilíssimo português Chefe da Revolução Nacional, Presidente do Conselho e dedicado amigo de Guimarães, toda a alegria, entusiasmo e vivo reconhecimento que na alma hoje sente este bom povo vimaranense, que é todo dele pelo coração.

Viva Salazar!
Viva o Senhor Presidente da Câmara!
Viva Guimarães!»

Por último, o Sr. Presidente da Câmara, disse:

«Agradeço a manifestação de simpatia que acaba de ser feita ao Governo e à Câmara a que me honro de presidir.

Estamos, na verdade, todos de parabéns.

Felizmente que vai sendo feita justiça às nossas petições e nesta hora de intensa alegria que a todos invade e a todos contagia, só de olhos postos em Guimarães nos devemos manter.

Isto significa que nos devemos conservar unidos, pois só desta maneira podemos enfrentar o futuro com confiança.

Temos, de agora em diante, o decreto que instala uma Unidade Militar nesta cidade, em aquartelamento próprio a construir.

Alto benefício foi esse que o Governo de Salazar nos concedeu, tão alto que foi durante dezenas de anos uma esperança latente no ânimo de todos os vimaranenses e, por que não dizê-lo, até um motivo de desgosto, ver-nos privados da Unidade Militar que durante tantos anos aqui esteve aquartelada.

— Um dia destacamentos dessa unidade partiram para os campos de batalha. Muitos por lá ficaram para sempre e outros vieram.

Os que regressaram trouxeram no corpo e na alma, bem vivas, as cicatrizes da Vitória! Fôra mais uma página a acrescentar às brilhantes páginas da nossa história!

— Outra se vai escrever, dentro em pouco, no dia em que começar a construção do novo edifício.

— Agradeço-lhes esta manifestação, prova dos sentimentos de justiça dos vimaranenses! e que gostasamente transmitirei ao Governo da Nação.

Se me comoveu a manifestação feita ao Senhor Ministro da Defesa Nacional, na noite da Marcha, mais me comove esta, por ver a gratidão do bom povo desta Terra querida, que soube ser sempre reconhecida a quem a engrandece!

— A todos o meu reconhecimento e o do Município.

— E nesta hora de verdadeiro júbilo, ergamos bem acima de todas as misérias e de todas as discórdias, a única bandeira que deve flutuar ao vento: a bandeira de Guimarães!

Só ela nos deve guiar no futuro e só ela seja a flâmula a conduzir-nos para podermos continuar a trabalhar pela nossa Terra!

Viva Portugal!
Viva Salazar!
Viva o Senhor Ministro da Defesa Nacional!
Viva Guimarães!»

A multidão, entre a qual se viam muitas pessoas empunhando bandeiras nacionais e da cidade, correspondeu delirantemente aos vivas ao Governo, à Pátria, as Presidente da Câmara e a Guimarães e, não obstante a chuva que caíu durante algumas horas, manteve-se firme enquanto durou aquela manifestação calorosa, no decorrer da qual os sinos das torres tocaram festivamente e foi queimado muito fogo. O comércio encerrou as suas portas em sinal de regozijo. Foram depois mandados os telegramas de congratulação, a que noutro lugar fazemos referência.

Coronel Mário Cardozo

O nosso ilustre amigo e conterrâneo Sr. Coronel Mário Cardozo, muito ilustre Presidente da Sociedade Martins Sarmento e Director do Museu Arqueológico, vai, no próximo dia 15 do corrente, a Vila Viçosa, a convite do Sr. Dr. António Luís Gomes, prestigioso Director Geral da Fazenda Pública e Presidente do Conselho Administrativo da Fundação da Casa de Bragança, pronunciar, na sala de leitura D. Manuel II, do Palácio Ducal daquela formosa vila alentejana, uma conferência sobre Arqueologia, subordinada ao tema: *Das origens e técnica do trabalho do ouro e sua relação com a joalharia arcaica peninsular.*

NOVO EDIFÍCIO

para o Liceu

Enviado pela Junta de Construções para o Ensino Técnico e Secundário, encontra-se já em poder da Câmara Municipal, o ante-projecto para o novo edifício destinado ao Liceu de Guimarães, melhoramento este de que a cidade tanto carece.

CHÁS MEDICINAIS «HERBIS»

Usados na Alemanha há cerca de 50 anos

HERBIS N.º 1 — Dissolvente do ácido úrico
HERBIS N.º 2 — Regularizador da Circulação
HERBIS N.º 3 — Depurativo do sangue
HERBIS N.º 4 — Azia e más digestões
HERBIS N.º 5 — Contra bronquites
HERBIS N.º 6 — Nervos e insónias
HERBIS N.º 7 — Rins e bexiga
HERBIS N.º 8 — Fígado e vesícula
HERBIS N.º 9 — Contra o hemorroidal
HERBIS N.º 10 — Tónico do coração
HERBIS N.º 11 — Laxativo suave

PACOTES DE 100 GRAMAS

Preparados segundo fórmulas do Dr. E. Richter, de Munich

86

A ENTREGA DA BANDEIRA

PARA O POVO E AS TROPAS DA ÍNDIA

(Continuação da 1.ª página)

Revestiu-se de grande solenidade a entrega da bandeira à escolta da Índia

A cerimónia realizou-se, então, com a maior pompa litúrgica, vendo-se o templo, que ostentava luxuosa decoração, repleto de pessoas.

O Vice-Presidente da Câmara Municipal, Sr. Eng. António Rodrigo de Araújo Pinheiro, entregou a bandeira ao Sr. Presidente do Município, que por seu turno a passou para as mãos do Sr. Ministro da Defesa. Depois de o Sr. D. António Bento Martins Júnior, Arcebispo Primaz, ter procedido à bênção da bandeira, esta foi confiada ao Sr. Tenente Francisco Martins Ferreira, de Cavalaria 6, que comandou a escolta de soldados da Índia.

Seguidamente, subiu ao púlpito o Rev.º Dr. Gustavo de Almeida, de Lisboa, que fez uma longa oração sobre o significado da cerimónia. Começando por evocar as primeiras bandeiras de Portugal e os factos que elas testemunharam, disse, a certa altura, que esses estandartes reclamam altitude de alma. Referiu-se depois aos tempos de seiscentos, quando pela primeira vez uma bandeira de Guimarães seguiu para a Índia; e afirmando que esses símbolos nunca morrem, «figurou» um diálogo entre a bandeira velha e a bandeira nova, quando esta chegar a Goa. E disse: «que lindas histórias terá de contar a bandeira velha! E a nova? Será uma mensagem de vida nova, que falará sobretudo desse movimento de sublime ardor patriótico que contagiou Portugal de lés-a-lés por ocasião do «15 de Agosto de 1954!».

Terminada a oração, um grupo de professores de música sob a direcção do Rev.º Alberto Brás, executou o Hino Nacional.

Seguiu-se missa solene, celebrada pelo Sr. D. António Bento Martins Júnior — e após o piedoso acto, os membros do Governo, à porta da igreja, assistiram ao desfile do esquadrão de Cavalaria 6, que entretanto para ali se mudara, e no qual se incorporou a escolta da Índia Portuguesa com a bandeira que acabara de receber.

Os Srs. Ministros da Defesa e Marinha, e Subsecretário da Aeronáutica visitaram, em seguida, o Castelo, a Capela de Santa Margarida e os Paços dos Duques de Bragança, que formam a chamada Colina Sagrada. E às 13 horas seguiram para o Mosteiro da Costa, onde foram homenageados com um almoço.

Na varanda de Frei Jerónimo

Pouco passava das 13 horas quando teve início o almoço, admiràvelmente servido na Varanda de Frei Jerónimo, no Mosteiro de Santa Marinha da Costa. Esta Varanda, airoso salão ao ar livre, com seu ruidoso tanque monumental centrando uma quadratura de colunas de tipo clássico, seus escabelos de espaldar azulejado e grande tecto de maceirão, está situada ao fim da incendiada galeria das celas do célebre Mosteiro cuja instalação data de 1154 e foi fundado pela Rainha Dona Mafalda, mulher de D. Afonso Henriques, para os Cónegos Regulares de Santo Agostinho.

E foi naquele agradável ambiente, que o almoço se efectuou.

Uma das mesas de honra era presidida pelo Rev.mo Senhor Arcebispo Primaz, que tinha à sua direita os Srs. Ministro da Defesa Nacional; Tenente-Coronel Armando Nery Teixeira, Governador Civil do Distrito; Comandante Henrique Tenreiro, Dr. José Ferreira de Araújo, Vice-Presidente da Câmara de Braga e Deputado Cap. Magalhães Couto; e à esquerda os Srs. Dr. José Maria de Castro Ferreira, Presidente da Câmara Municipal de Guimarães; Eng.º Duarte do Amaral, Presidente da Comissão Concelhia da U. N.; Deputado Dr. Augusto Cerqueira Gomes; e Cap. Carvalho Nunes; a outra mesa era presidida pelo Senhor Ministro da Marinha, que tinha à sua direita os Srs. Subsecretário da Aeronáutica; Almirante António Garcia de Sousa Ventura, Deputado Dr. Alberto Cruz; Arquitecto Luís Benavente e Dr. Gustavo de Almeida e à esquerda os Srs. General Cotta de Morais, Comandante da 1.ª Região Militar; Dr. Luís de Pina, em representação do Reitor da Universidade do Porto; Chefe do Estado Maior da 1.ª Região Militar e Rev.º Arcipreste, Padre António de Araújo Costa.

Em quatro outras mesas tomavam parte cerca de 40 convidados: Presidentes das Câmaras Municipais de Santo Tirso, Famalicão e Fafe; representantes do Reitor do Liceu, da Direcção da Sociedade Martins Sarmento e do Grémio do Comércio; componentes da Vereação Municipal e da Comissão Concelhia da U. N., Directora do Museu Alberto Sampaio; Conservador do Registo Civil e outras individualidades.

Quis a gente desta velha terra mandar para Goa uma lembrança e nada encontrou mais apropriado do que a renovação da oferta feita há séculos — disse o Sr. Eng. Duarte do Amaral

Aos brindes o Sr. Eng.º Duarte do Amaral, Presidente da Comissão Concelhia da U. N., depois de saudar os membros do Governo e o Prelado, disse:

«Quis a gente desta velha terra — acrescentou — mandar para Goa uma lembrança e nada encontrou mais apropriado do que a renovação da oferta feita há séculos. É, como a de antanho, uma bandeira de linho natural — nossa indústria antiga — e também benzida na Igreja da Insigne e Real Colegiada. É, como a de outrora, uma bandeira de Santa Maria de Guimarães. É um clamor de paz, porque vai nela a imagem da Senhora da Oliveira; mas é um brado de justiça e de liberdade, por ser a bandeira da Virgem de Aljubarrota. É uma afirmação de humanidade, porque leva a cruz do Redentor; mas também é um guião de heroísmo, pois foi a bandeira do nosso primeiro rei. Na verdade, meus senhores, que melhor oferta poderíamos fazer à nossa gente da Índia do que mandar-lhe este verdadeiro resumo dos sentimentos e da história de Guimarães e de Portugal?».

Depois: «Não foi nascida a nossa Pátria naquela colina sagrada, onde também nasceu e se baptizou o Infante e onde o fogoso príncipe cortou por fim, na batalha de S. Mamede, o nó górdio da Fundação da nacionalidade? Não foi daqui que seus pais, D. Henrique e D. Teresa, tantas vezes teceram a sua habilíssima política? Não estivemos nós, esta manhã, na veneranda igreja de Santa Maria de Guimarães, hoje, da invocação de Nossa Senhora de Oliveira, que foi durante séculos Santuário da Padroeira de Portugal e que é, ainda hoje, depois de Fátima, o mais insigne santuário lusitano?».

Noutra passagem: «Como já referi uma vez, a este grande centro de peregrinação, nas primeiras dinastias, vieram reis, príncipes, soldados — toda a gente — a pedir perdão para os seus pecados, alívio para as suas dores, protecção para os seus empreendimentos. Foi a Santa Maria de Guimarães que D. João I pediu e agradeceu a vitória de Aljubarrota! Aí estão ainda, a atestar a devoção e o reconhecimento do rei, essas jóias preciosas que Guimarães ciosamente guarda e que são o altar de D. João de Castela e o pelote do rei de Portugal. Como poderia mandar outra lembrança o povo de Guimarães, criado entre tão insignes padrões e altas recordações?».

Se ali é o paço do Primeiro Duque de Bragança, além é o Convento de S. Francisco que a primeira duquesa tanto amou e onde Santa Isabel fez pazes entre D. Dinis e seu filho; se nesta casa nasceu o Alfageme de Santarém e naquela outra S. Gonçalo de Amarante, se naquele sítio é o padrão do Salado, mais à frente, no palácio do D. Prior, foi certamente o lugar onde os cónegos de Guimarães combinaram a sua luta contra os franceses. Além — ver-se-á desta varanda?—é Tagilde, onde D. Fernando assinou com os ingleses o primeiro tratado de aliança. E é a igreja de S. Dâmaso e o templo de S. Torcato, as Taipas e essas poderosas colmeias de trabalhadores de Vizela e de Pevidém; as citânias de Briteiros e Sabroso e a terra do rei do Pegu. Aqui mesmo, neste ilustre convento, fundado pela primeira rainha de Portugal, há recordações de grande interesse. Nele funcionou a nossa Universidade, que atribuía graus iguais aos de Coimbra; aqui estudou o Prior do Crato e se terá apossado dele o espírito de liberdade e o seu intenso amor à Pátria.

Entre tantos padrões da História, semeados nesta paisagem que Washington Luís, sempre com os olhos cheios do seu magnificente Brasil, considerava a mais linda do Mundo, vive o mais belo padrão de Guimarães, que é o seu povo! Alegre, crente, operoso, empreendedor, a um tempo inovador e tradicionalista, amante da liberdade, tem uma quase ilimitada capacidade de sofrimento e de resignação; mas é também capaz (e muitos o souberam já) de pôr os olhos no chão, de meter a cabeça entre os ombros e de dizer teimosamente não e não! É este povo, Srs. Ministros, quem manda esta bandeira para a Índia!

A concluir:

«Sr. ministro da Marinha: V. Ex.ª veio mais uma vez ajudar-nos a fazer as honras da casa. Isto não pode impedir que eu agradeça muito reconhecidamente a sua presença e o carinho, a paciência com que tem atendido aos pequenos e aos grandes problemas de Guimarães, onde, se todos conhecem as suas altas qualidades de chefe, de estadista e de marinheiro, onde se todos apreciam o seu grande coração de português, muitos ignorarão como é grande a nossa dívida para com V. Ex.ª

«O Sr. Ministro da Defesa visita-nos oficialmente pela primeira vez neste dia de festa, para que tanto concorreu, e que é festa de todos os portugueses. Ao ilustre militar, político e diplomata, ao homem isento e de viver simples que V. Ex.ª é, nada mais podemos dizer senão: Benvindo seja, Sr. Ministro! E de Salazar, defensor da Pátria nos quatro cantos do Mundo e verdadeiro impulsionador do ressurgimento de Guimarães, que direi? Nada, meus senhores... VV. Ex.as, Srs. Ministros, contar-lhe-ão por mim o que viram e ouviram. O que não foi por amor de Goa, tudo foi em louvor de VV. Ex.as».

Quando Guimarães fala, sinto ser a própria voz da Pátria que retine — exclamou o Sr. Coronel Santos Costa

Por último falou o Sr. Ministro da Defesa, que começou por dizer: «É um povo que sabe dizer não, meus senhores, que agora manda para a Índia, para os soldados que no Oriente longínquo velam pela terra sagrada da Pátria, uma bandeira de Santa Maria de Guimarães, uma insígnia de D. Afonso Henriques, uma bandeira verdadeira de Portugal! O que tal facto significa nesta hora incerta que a Índia de Albuquerque atravessa talvez o não compreendam completamente todas as pessoas responsáveis da nossa terra. Sente-o, porém, nìtidamente, o espírito perspicaz do povo desta vetusta cidade de Guimarães, adivinha-o a alma ardente e patriota de todo o povo português. Nesta guerra fria e implacável que há anos um inimigo satânico e ambicioso nos move, convencido de que nos levará ao esgotamento e que acabará por nos impor a sua vontade, não se chega a saber o que mais admirar: se a firmeza de um chefe clarividente, sempre atento aos grandes ideais que através dos séculos definiram o rumo da Nação, se a constância de um povo que, despido de interesses materiais e alheios a ambições de predomínio ou de conquista, se obstina em mostrar ao Mundo que nenhum poder da Terra será capaz de lhe quebrar o ânimo».

Mais adiante: «Precisamente neste momento, o nosso adversário poderoso e astuto, espalhando copiosamente o dinheiro da perfídia e da traição, organiza em volta de Goa, de Damão e de Dio, e procura preparar dentro do nosso próprio território, a cintura de fogo, de destruição e de morte com que no próximo dia 15 espera dar o salto, na enganadora ilusão de que a hora se aproxima e de que à custa do sangue generoso de tanta vítima inocente e acabará por nos ditar a sua lei».

Depois, com vibração: «Mas nós não fomos a Aljubarrota em 14 de Agosto, para no dia 15, no próprio dia de Assunção de Nossa Senhora, padroeira de Portugal, virarmos costas ao inimigo e abandonarmos a Índia. Sejam quais forem as dificuldades, por grandes que sejam os riscos, indiferentes a todos os sacrifícios e a todos os perigos, ajoelhados em frente do altar da Pátria nesta cidade de Guimarães, ou de armas na mão e de dentes cerrados em qualquer canto do Globo, cobertos pela bandeira de Nossa Senhora da Vitória ou aquecidos pelo calor da nossa fé, enquanto à superfície da Terra palpitar um coração português, gritaremos bem alto à União Indiana e ao Mundo: Não!

«Meus senhores: responsáveis perante o Chefe do Governo e perante a Nação pela preparação material e moral da força armada, aqui vieram comungar convosco esta hora de entusiasmo e de fé, o Sr. Ministro da Marinha, vosso dilecto amigo, e o Sr. Subsecretário da Aeronáutica. Sòmente motivos de saúde e de momentânea impossibilidade impediram que também o Sr. Subsecretário do Exército aqui estivesse.

«Muito comovidamente agradeço em meu e em seu nome, a VV. Ex.as e ao firme e leal povo desta gloriosa cidade, tantas manifestações de simpatia, tantas vezes de incitamento que, por nosso intermédio, hoje aqui se dirigem ao Governo da Nação. Quero afirmar-vos que todos compreendemos os vossos anseios e os vossos sonhos. Quando Guimarães fala, eu sinto a própria voz da Pátria que retine!».

Terminou: « porque neste berço sorridente e alegre em que Portugal, num dia de S. João, viu pela primeira vez a luz do Sol, sòmente a voz sonora da Pátria se ergue e se alonga, de quebrada em quebrada, de serra em serra, por toda a terra portuguesa, tenho para mim como certo que em nenhum outro lugar poderia mais apropriadamente clamar: Viva Guimarães! Viva Portugal!».

Uma insígnia dum grupo de "satyagrahis"

Após o discurso do Ministro da Defesa, o soldado Hilário Fernandes Duarte, da delegação da Índia, entregou ao Sr. Coronel Santos Costa as insígnias de um grupo de «satyagrahis» do movimento de Agosto de 1954.

Terminado o almoço, e nos jardins do Mosteiro da Costa, os ranchos regionais «Festada de Guimarães» e «Grupo de Pevidém», exibiram-se em números do folclore minhoto.

Telegramas de agradecimento

O Sr. Presidente da Câmara Municipal fez expedir, na terça-feira última, telegramas de agradecimento a Suas Ex.as os Ministros da Defesa Nacional e Marinha, Subsecretário de Estado da Aeronáutica, Reverendíssimo Arcebispo Primaz, Governador Civil do Distrito, General Comandante da 1.ª Região Militar, Deputados Dr. Cerqueira Gomes e Dr. Alberto Cruz, de Braga, Engenheiro Duarte do Amaral e Pintor António Lino, que com a sua presença honraram as cerimónias da entrega da Bandeira para a Índia.

O telegrama ao Senhor Ministro da Defesa Nacional era concebido nestes termos:

«Em meu nome e no da Câmara Municipal de Guimarães agradeço a vinda de Vossa Excelência a Guimarães ao mesmo tempo que apresento os melhores sentimentos de gratidão de todos os Vimaranenses pela maneira elevada e distinta com que Vossa Excelência quis rodear a festa patriótica da bênção da Bandeira para a Índia».

PROBLEMAS SOCIAIS

Pelo P.e Manuel Matos.

O SEGURO SOCIAL PARA A LAVOURA

E' um facto que a Lavoura é a arte de empobrecer... alegremente. Desde velhos tempos que ela é considerada — Fonte de riqueza... a explorar.

Mereceu de D. Dinis estremoso carinho e o próprio D. Fernando, apesar de distraído e ocupado com os seus criminosos amores, também a favoreceu com as célebres leis *sesmárias*.

Mas não basta arrancar da terra tudo quanto ela pode dar...

O cabouqueiro esforçado que a rega com o seu sangue generoso, é também uma riqueza, eminentemente nacional, com jus ao carinho dos Poderes Públicos, pois é, entre os benfeitores da Grei, dos maiores.

. . . . . .

«Descendo por caminho íngreme e lageoso, a nora Olívia vinha à frente do gado, agarrada à soga.

Do lado da encosta vinha o criado Manuel, segurando o carro com o ancinho espetado no tojo e atrás o Januário de mãos firmes no travão, que um cheiro a queimado, despertando a atenção do amo, fez largar de repente...

O carro avança, os bois calcam a mulher, esta fica prostrada no chão e o carro e os bois rolam pela serra abaixo, vindo estatelar-se tudo contra um enorme rochedo.

Um dos animais partiu uma perna e o outro um chifre.

Alucinado, o Januário toma nos braços vigorosos a sua mulher inanimada.

O criado grita por socorro e, lá no fundo, o tojo incendeia-se.

A tia Libânia, duma janela da casa, decortina, lá no cimo, a catástrofe e sentindo no coração que aquilo era com o seu filho, cai para o lado sem sentidos.

... No dia seguinte a nora da Libânia tinha um desmancho e a seguir uma infecção uterina que a pôs às portas da morte.

Os bois tiveram de ser abatidos, porque ficaram inutilizados para o trabalho...»

. . . . . .

Quem julgará que o descritivo jamais passará de fruto de imaginação?

Quantas vezes o sacrificado lavrador vê a morte a rondá-lo...

E quantas... a morte lhe rouba a alegria e toda a esperança... Consinta-se na dureza desta afirmação: a lavoura é, ordinàriamente, trabalhada pela gente mais pobre do mundo.

Por regra não tem casa própria... é caseiro...

Se há, portanto, alguma classe que careça de imediato amparo e carinho, é a classe da lavoura.

Ela vive à mercê da «sorte». Se o céu a favorece... vive.

Se o céu a esquece... cobre-se de luto... sob as telhas enegrecidas do seu casebre atulhado.

Ora o Estado que tanto carinho consagra às gentes do trabalho, poderá deixar indefinidamente abandonada a gente do campo?

Não deverá encarar a sério os seus ingentes problemas, estudá-los e dar-lhes a conveniente solução?

Deverá abandonar-se a Lavoura à sua iniciativa, prejudicada pelo seu atávico conservantismo, fruto dum incultura ancestral?

E' um facto, também, que é nesta classe que se encontra a maior percentagem de analfabetos.

Poderá esperar-se alguma coisa de positivo dessa fonte?

Certamente que não... E no entanto, ela é meio mundo português...

Pesa o seu trabalho na balança da Riqueza Nacional.

Se fosse criado o Fundo Nacional da Lavoura esta não estaria tão a descoberto das contingências do futuro.

Encontraria aí uma compensação para os grandes prejuízos que, por vezes, os elementos revoltos da Natureza lhe provocam.

Acharia aí auxílios importantes e vitais para o seu gradual e progressivo desenvolvimento. Aí iria buscar os subsídios de invalidez ou de morte de algum dos cônjuges ou serviçais.

Enfim, o Fundo Nacional da Lavoura criaria um Socorro Social que valesse à Lavoura em todos os seus infortúnios e provações.

Ela o merece, porque é tão útil à prosperidade da Nação e ainda porque, é ela quem movimenta a vida inteira dum povo, fornecendo-lhe os seus produtos — o seu pão e o seu vinho, o seu azeite e as suas hortaliças, as suas frutas, etc.

Que espera o lavrador caseiro quando a velhice lhe bate à porta?

Deverá ir mendigar o pão... aquele que durante tantos anos o amaçara com o seu suor para que não faltasse na mesa dos ricos e poderosos?

A velhice do lavrador...

Horizonte da vida e da morte, onde se ajunta a terra com o céu, o tempo com a eternidade, no expressivo dizer do Padre António Vieira, quantas lágrimas fazes chorar a quem na vida tanto labutou para criar riqueza e alegria...

Perguntaram um dia porque andariam os velhos com cabeça baixa olhando para o chão e responderam: buscam onde enterrar-se... Eis a última esperança do lavrador decrépito, cansado de revolver a terra, que lhe comerá seus ossos... E não há-de o lavrador exausto da labuta de tantos anos — ter um pouco de pão para comer, tranquilo, nos últimos anos de vida?

Mas quem lho há-de dar?

O senhorio que lhe levava sempre as migalhas?

Os filhos, a braços com dificuldades sem conta, em luta heróica com a terra, sonhando nos *seus muitos rebentos,* objecto sagrado das suas paternais canseiras?

Que ternura no gesto do netinho que reparte do miôlo da sua fatia de pão com o avozinho desdentado...

Este beija-lhe as mãos inocentes, porque lhe matam a fome de pão e de carinho.

Quem não sentirá a urgência e a necessidade duma organização da lavoura que garanta dias suaves ao humilde cabouqueiro da geira inculta, no declinar da vida?

Venha ela, que já tarda.

O mundo agrícola ansiosamente a espera.

Dizíamos acima: «deverá abandonar-se a lavoura à sua iniciativa, prejudicada pelo seu atávico conservantismo, fruto duma incultura ancestral?»

E ainda: «É um facto, também, que é nesta classe que se encontra a maior percentagem de analfabetos.

Poderá esperar-se alguma coisa de positivo dessa gente?»

Na verdade a lavoura, tècnicamente, tem um diminuto progresso a registar, mas muito isolado.

O pequeno lavrador, e especialmente o lavrador caseiro, é vítima da impossibilidade de aumentar a sua cultura, aliás, muito rudimentar. Ele precisava de frequentar escolas agrícolas... de estabelecer contactos íntimos com os técnicos da lavoura... de ir ver os resultados práticos das novas culturas, etc.

Mas, onde achar os meios monetários suficientes para poder dedicar-se ao seu aperfeiçoamento?

Só uma organização perfeita da Lavoura, em profundidade e extensão, lhos poderiam dar...

E então, sim... Então a Lavoura ainda poderia aumentar o seu rendimento e dar mais pão, criar mais riqueza, dentro dum mais alto nível social.

E medrariam as Indústrias e desenvolvia-se o Comércio e haveria mais alegria... e não subsistiria nas almas a desesperação...

A Lavoura portuguesa carece, portanto, duma organização que a eleve e que a faça comparticipar das belezas e do conforto que o progresso científico proporciona à Humanidade.

Venha, pois, *Alguém* que a estude e organize e que a coloque naquele ângulo social a que tem direito. Embora no dizer do Padre António Vieira: «a palavra mais dura de pronunciar, e que para sair da boca uma vez, se engole e afoga muitas, é Peço», a Lavoura pede mais carinho, mais amor.

Ela pede e espera!

— Os lavradores são os mais sacrificados obreiros da Nação!

A seguir:

As mútuas bovinas e o auxílio do Estado.

DE COVAS

EXPEDIENTE

Um grupo de Covenses. — Se não fora uma carta vinda a público deixaríamos o homem em paz e não atendíamos os vossos queixumes. Assim, não. Desculpem a demora. Leiam abaixo a notícia a propósito do que nos apontaram. Realmente, é de lamentar.

A. Teixeira. — Queixa-se de que certa pastelaria apenas porque passou meio litro de vinho branco de pipa para uma garrafa, a fim de o poder servir na secção principal do estabelecimento, cobrou do freguês 7$20, o que corresponde a um rendimento de sete mil e duzentos escudos (7.200$00) cada pipa! E comenta: — Vinho a semelhante preço, só na Inglaterra estaria bem!...

Boato alarmante

Consta-nos que por má vontade de algumas pessoas que ainda se julgam «bairristas» já não deve ser construída nesta localidade (nem neste concelho) a Casa do Bom Pastor — um legado de alguns milhares de contos de uma saudosa senhora. É com estas medidas que o nosso concelho tem sido muito prejudicado... Esperamos que o dinâmico presidente da Câmara tome mais uma acertada resolução providenciando para que não se perca uma grande e benemérita instituição de Caridade que muito engrandeceria o concelho.

«Não se podem vender tambores nem gaitas na festa de S. Tiago, em Caldelas.

Nos dias 24 e 25 de Julho tiveram lugar os festejos em honra de S. Tiago, os quais decorreram com regular brilhantismo.

Agradou muito o concerto das apreciadas bandas de música de Vila Verde, Amares e Guinfães da Maia e o belo fogo de artifício que no final foi queimado.

É contudo de lamentar que «alguém» desta localidade se opusesse a que o povo desse largas à sua satisfação, proibindo que se vendessem os «instrumentos» acima indicados e se bailasse no arraial.

Aquela atitude provocou azedos comentários em vários aquístas e justificados protestos.

Ocorre-me perguntar: Para que servem as licenças que os vendedores daqueles artigos pagaram?!

Pela publicação do que acima fica escrito muito grato lhes fica «Um Aquísta», Manuel Monteiro Valente, R. Barão do Corvo, 978 — Gaia.

Caldelas, 26 de Julho de 1956».

Uma boa medida da Câmara

Num ofício que nos enviou o Sr. António da Silva Júnior, Presidente da Junta de Freguesia de Polvoreira, informa-nos de que o Sr. Dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, Presidente da Câmara, autorizou a execução do lavadouro «incompleto», onde as mulheres tinham de permanecer ali de galochas, até ao montante de 12.000$00. Será agora que a localidade de Covas vai merecer do Município melhores atenções do que em vereações passadas?

Folgamos imenso com esta notícia, pois de todos sobejamente é conhecido o quanto se faz sentir a sua conclusão, conforme várias vezes temos dito.

A propósito, de novo lembramos o escadório, a cobertura e a iluminação. Entretanto, ficamos aguardando a conclusão deste e de outros melhoramentos...

Coisas boas — coisas más...

Não nos servimos destas colunas para destruir obras boas, não. Pelo contrário, quando delas temos conhecimento tecemos-lhes as melhores referências.

Se, por vezes criticamos factos que não merecem aprovação, também não é pelo desejo de gostarmos de polémicas.

Regozijamo-nos, quando aparece um homem de iniciativa ou um benemérito. Mas também criticamos quando vemos casos injustos, atitudes maldosas, más organizações públicas, etc., etc. É lamentável, na verdade, que tenhamos de lançar mão da caneta para apontar uma atitude maldosa.

Foi com esta caneta que em 4-4-55 elogiamos a pessoa que hoje é apontada — a propósito do lindo jardim da estação, dos interessantes

A PROPÓSITO DO FOLCLORE

Um dos principais números que este ano faziam parte das Festas Gualterianas era a exibição de vários ranchos integrados num Festival Internacional de Folclore. Assim estiveram durante três dias em Guimarães além, evidentemente, da Festada local, o Grupo Folclórico de Pevidém, Grupo Folclórico Poveiro, da Póvoa de Varzim, Rancho Folclórico «Tricanas da Rua de Além», de Águeda, Rancho Folclórico do Centro de Recreio Popular «Leões da Floresta», da Covilhã, Grupo Folclórico «Tricanas de Coimbra», Rancho Folclórico de Esgueira, Aveiro, Rancho Coral de Serpa, Baixo Alentejo, e o Grupo Folclórico «Agrupacion Coral de Ruada», de Orense, Espanha. Não poderíamos, como é óbvio, deixar passar esta oportunidade em ter junto de nós um grupo Espanhol sem que auscultássemos as suas impressões. Quisemos, primeiramente, ouvir o dirigente do agrupamento, o Sr. Manuel de Dios, que foi gentilíssimo para connosco. Começou por nos dizer:

— Sinto-me bastante satisfeito por me poder dirigir por vosso intermédio a todo o público português. Fomos recebidos em Guimarães duma forma simplesmente maravilhosa e jamais poderemos esquecer o carinho com que a todo o momento nos cumulam.

— Até agora o que o mais o impressionou?

— De tudo o que me foi dado ver, fiquei deveras impressionado com a beleza ímpar da Penha. A sua panorâmica, o interior das grutas, enfim, tudo aquilo que é obra quase única da Natureza, torna-se um deslumbramento para a nossa vista.

— Sobre as Festas Gualterianas, em si?

— Em minha opinião, a organização é mais que perfeita, simplesmente perfeitíssima...

— Quererá por nosso intermédio, Manuel de Dios, dizer mais alguma coisa ao público português?

— Oh! certamente! Cumprimento todos os portugueses, sobretudo os vimaranenses, aos quais o meu coração lhes está grato. Poderei mesmo dizer que nos sentimos em Guimarães como na nossa própria casa. E o maior desejo seria para o ano voltarmos a estar junto de vós.

Procurámos, em seguida, colher a opinião dum dos componentes da Coral de Ruada. Para tal escolhemos o mais velho, mas mais velho só na idade, pois no espírito equipara-se ou suplanta os mais novos; é D. Virgílio.

— Diga-nos D. Virgílio, por favor, qual a sua idade?

— Tenho apenas 63 anos — e teve um sorriso de satisfação. — Sou um dos fundadores deste Grupo que surgiu em 1918. Sou também o único desse tempo que ainda se conserva nesta querida Coral e espero poder colaborar pelo menos mais uns... 40 anitos!

Oxalá que realmente D. Virgílio possa ver satisfeito o seu desejo. Em seguida perguntamos-lhe se já alguma vez esteve em Portugal.

— Ah! de certo. Já várias vezes estive em Portugal, nomeadamente em Lisboa, e de cada vez que regresso a Orense mais vontade sinto de voltar a Portugal, país que adoro.

— Certamente que com a sua idade, terá já colaborado em vários festivais internacionais?

— Absolutamente. Em 1934 estive em Chicago integrado num grupo que representou a Espanha. Com a «Agrupacion de Ruada», desloquei-me a Santos, Montevideu, Buenos Aires, Lisboa, como já tinha dito, etc., etc.

— E agora D. Virgílio... sobre Guimarães e o seu povo, qual a sua impressão?

— Mas, meu amigo, essa pergunta é desnecessária. Ambos são extreordinàriamente simpáticos e acolhedores. As suas ruas, conforme estão engalanadas, enchem-nos os olhos de espectáculo.

E mais não disse este simpático D. Virgílio porque a sua presença era requisitada a todo o momento pelos seus companheiros. Era agora a vez de ouvir uma das simpáticas componentes da Coral de Ruada. Não pudemos, porém, fazê-lo nesta altura, pelo que aguardámos para o fim da Marcha Gualteriana. Só então no meio de dezenas de admiradores que queriam a todo o transe o favor dum autógrafo, dum sorriso, duma palavra só que fosse, é que conseguimos ouvir, como muito bem alguém disse a nosso lado, «a Dona dos mais lindos olhos de toda a Espanha». O rosto redondo, uma madeixa de cabelo saindo teimosamente dum lenço que com graça ostentava na cabeça, uns olhos muito grandes e românticos, era esta a «muchacha» que tínhamos junto de nós, autêntico quadro de Velasquez. Quando lhe perguntámos o seu nome, um sorriso franco aflorou-lhe aos lábios:

— Chamo-me Maria Teresa Rodriguez.

— Já alguma vez esteve em Portugal?

— Não! Esta é a primeira vez que venho a Portugal e ainda julgo um sonho! Sempre desejei visitar este País de que me diziam maravilhas e eu própria estou realmente verificando não haver exagero nessas afirmações.

— E sobre Guimarães, qual a sua opinião?

— Guimarães? «És muy bonita!». A ornamentação das suas *calles* é maravilhosa sobretudo de noite, dando-nos a ilusão de que estamos vivendo um conto de fadas.

— Diga-nos agora, Maria Teresa, o que mais a impressionou nestas Festas Gualterianas a que assistiu e também em que colaborou?

— Essa pergunta deixa-me algo embaraçada, pois são tantos os *recuerdos* agradáveis, que dificilmente poderei distinguir algum em particular!

— Essa sua afirmação, Maria Teresa, lisonjeia-nos de sobremaneira mas certamente que algo houve que lhe tocasse mais a sua sensibilidade, já não digo artística, mas pelo menos de mulher...

— Bem, absolutamente! — E nesta altura Maria Teresa semi-cerrou os seus grandes olhos como que sonhando. — A procissão calou bem fundo dentro de mim. O seu numerosíssimo figurado e a riqueza das suas vestes obrigam-me a afirmar que nem em Espanha se faz tão belo. Também aquele sítio onde estivemos esta manhã... ajude-me a dizer o nome...

— A Penha? — perguntámos.

— *És verdad.* A Penha! Que encanto, que vista... Que bom seria permanecer ali por muito tempo...

E de novo os «olhos mais lindos de toda a Espanha» se cerraram pensando no que de belo tinham visto. E como se torna bonita assim esta Maria Teresa!

— E sobre a forma como foram recebidos em Guimarães?

Um sorriso gaiato aflorou-lhe aos lábios ao afirmar:

— Oh! simplesmente maravilhosa! Não tenho palavras que possam exprimir o meu reconhecimento por este bom povo de Guimarães. Creia que todos os portugueses, sem excepção, têm nas raparigas da Galiza verdadeiras amigas.

— Diga-nos, para terminar, Maria Teresa, se tem algo mais para dizer, por nosso intermédio, aos portugueses.

— Quero aproveitar a oportunidade que me é dada para afirmar que o meu maior desejo seria para o ano voltar a estar junto de vós, pois creio que o bom povo de Guimarães também ficou satisfeito connosco.

E os seus belos olhos fitaram-nos como num pedido.

E realmente é nossa opinião de que, quer pela forma como artìsticamente se exibiram, quer pela simpatia e correcção com que se apresentaram, eles são credores do nosso reconhecimento e amizade e seja qual for a comissão que para o ano organize as Festas Gualterianas, não deve esquecer que com o Grupo Folclórico «Agrupacion Coral de Ruada», de Orense, se deu mais um grande passo para o enfortalecimento das relações dos dois países irmãos: Espanha e Portugal.

ALIRIO SOUSA.

---

vasos e das árvores de fruto que ali mandou plantar.

Já o devíamos ter feito e se só hoje o fazemos é pelo facto desta pessoa ter vindo a público com uma carta sob o título «Chefe Brandão» e que começa assim:

«Depois de chefiar a estação de Covas muito perto de nove anos, fui colocado na estação da linda e progressiva vila de Santo Tirso.

Nove anos numa terra como a de Covas, que também é linda, é o suficiente para partir com saudades.

Esforcei-me para dar à estação de Covas o que Covas merece, apesar de não ter completado o meu sonho.

Aqui deixo todas estas dezenas de árvores de fruto que por minha mão foram plantadas, as quais constituíam *o pomar das crianças e pobres desta freguesia.* Elas aí ficam. Respeitem-nas como até aqui o fizeram como povo civilizado que é; e aos meus Sucessores, peço que não desvirtuem o fim em vista para que elas foram plantadas».

Em face disto, perguntamos: — Quem pede para respeitar essas árvores de fruto porque não deu o exemplo?

O que terão de fazer os sucessores para não desvirtuarem o fim em vista (!) para que foram plantadas?

Qual é o fim em vista? Distribuir os frutos pelos pobres e crianças, ou destruí-los verdes?

Se a fruta é das crianças e pobres desta localidade para que «destruiu», antes do dia 18 de Julho p. p., as peras que deviam ser colhidas maduras só em fins de Setembro? Que se vai distribuir em Setembro?

E, voltando à carta, lemos mais estas palavras:

«Uma coisa posso, no entanto, asseverar. Tudo o que fiz foi dentro duma rigorosa imparcialidade que me é peculiar e sempre na melhor das intenções, procurando salvaguardar os interesses da Companhia que me dá o pão a ganhar, e servir o público o melhor possível. Este foi o meu lema aqui, e sê-lo-á em qualquer parte em que me encontre»...

Comparem os nossos prezados leitores as palavras com as obras. E dito isto — não é preciso dizer mais nada.

Notícias pessoais

Esteve entre nós o Sr. Dr. Óscar Moreno.

— Partiu para Caldelas, a uso de águas, o industrial e nosso bom amigo Sr. Alfredo Cardoso de Castro.

— Tem experimentado algumas melhoras o nosso bom amigo Sr. Filinto Elísio da Cunha e Silva. — *C.*

AS FESTAS GUALTERIANAS

NOTAS DE REPORTAGEM

A imponente Procissão de S. Gualter e a festividade em sua honra

Ao fim da tarde de domingo as ruas estavam intransitáveis. Grande afluência de povo era constituída pela gente das aldeias — gente profundamente religiosa — que tem, em grande apreço e devoção, a procissão de S. Gualter, na qual se incorpora, além do andor daquele Santo, o de Nossa Senhora da Oliveira, padroeira de Guimarães, que foi, antes do reinado de D. João IV, padroeira de Portugal.

As janelas e varandas dos edifícios, de que pendiam vistosas colgaduras, viam-se repletas de pessoas.

E nas ruas, ajoelhando à aproximação dos andores e do pálio, muitos populares rezavam, deixando ouvir as suas orações de agradecimento por graças recebidas, ou as suas preces. Precedida por uma força de cavalaria da G. N. R., indispensável para abrir alas entre a multidão, a procissão abria com a fanfarra de Cavalaria 6 e com o pendão da Irmandade de S. Gualter. Às borlas, pegavam os Srs. Dr. Carlos Saraiva, Dr. Jorge da Costa Antunes, Eng.º Alberto Costa e João Martins da Costa Aldão.

Seguiam-se as Irmandades da Senhora da Oliveira e as do Santíssimo Sacramento de S. Paio, Creixomil, Santo Estêvão de Urgezes, S. Sebastião e S. Gualter.

Depois ia o andor do patrono da festa, ladeado por seis frades franciscanos segurando lanternas de prata. Mais atrás, a Irmandade dos Santos Passos — de cujo templo saiu a procissão — ; as Ordens de S. Francisco, S. Domingos e do Carmo.

Às lanternas do andor da Padroeira de Guimarães, Nossa Senhora da Oliveira, pegavam individualidades, envergando casaca.

Intercalados com as Irmandades, Ordens e andores, centenas de «anjinhos» e figuras bíblicas davam, à procissão, uma nota vistosa e enternecedora, destacando-se, pela compostura e pelos trajos, os grupos «Fé», «Nós somos as escravas do Senhor...», «A Igreja, a Pátria e a História», «Flama, Glória e Louvor», «Cinco Mártires de Marrocos», e o grupo que pegava nas fitas pendentes do painel com a imagem de Nossa Senhora da Oliveira.

A última parte da procissão era constituída pelo clero secular, pelos seminaristas de Pombeiro e de Soutelo (Braga), e pelos padres de Singeverga e de Montariol. Sob o pálio, o Arcebispo Primaz D. António Bento Martins Júnior com o «Santo Lenho», acolitado pelos Rev.os Dr. José de Jesus Ribeiro, pároco de S. Sebastião e Luís Gonzada Sousa Fonseca, pároco de S. Paio. Também sob o pálio e atrás do Sr. Arcebispo, o Chefe do Distrito de Braga Sr. Tenente-Coronel Nery Teixeira. Por fim as restantes autoridades — Câmara Municipal, Magistrados, Comandantes da G. N. R., P. S. P. e L. P. — o Juiz da Irmandades de S. Gualter Sr. António J. P. Rodrigues, representantes da Misericórdia e de outros organismos; a bandeira oferecida à Índia e a Bandeira do Regimento de Infantaria 6.

Recordando os fundadores das Festas e da «Marcha»

Na segunda-feira de manhã realizou-se a anunciada homenagem dos vimaranenses aos fundadores das Festas e da *Marcha.*

Na romagem que foi ao cemitério de Atouguia, onde repousam tantos, como Padre Gaspar Roriz, José de Freitas Costa Soares, João Gualdino Pereira, João Rodrigues Loureiro, António José Pereira de Lima e outros, incorporaram-se o corpo activo dos Bombeiros Voluntários, directores e filiados do Sindicato dos Caixeiros, elementos dos Sindicatos Nacionais e outras colectividades, com as respectivas bandeiras; membros de antigas comissões das «Marchas», Srs. António José Pereira Rodrigues, Raul Rocha e Francisco Alberto Costa; e a comissão do ano corrente, constituída pelos Srs. José Antunes Dias, Joaquim Fernandes, Norberto Freitas Pacheco, António da Fonseca Ferreira, Benjamim Ferreira, Jaime Ferreira Martins, José da Cunha Paredes, Hermenegildo de Freitas Guimarães, Luís Gonzaga Leite de Castro, Vasco José Paredes, José Paulino Fernandes, José Pereira e José Bettencourt de Freitas Guimarães, e muito povo.

Na sepultura do Padre Roriz foram colocadas pelo Sr. António da Fonseca Ferreira, uma coroa de flores e uma lápide comemorativa das «bodas de ouro» da «Marcha Gualteriana».

Em homenagem aos iniciadores da «Marcha», já falecidos, usaram da palavra o escritor A. L. de Carvalho; António José Pereira Rodrigues, em nome dos sobreviventes das primeiras comissões; Aurélio Ferra e o presidente da actual comissão da «Marcha», António da Fonseca Ferreira.

No regresso do cemitério e na parada dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, onde habitualmente são construídos os principais carros, foi prestada homenagem ao professor José de Pina, que tem sido, desde sempre, o maior impulsionador da «Marcha Gualteriana».

As solenidades religiosas em honra de S. Gualter

Na segunda-feira às 11 horas e no Templo dos Santos Passos, que estava ricamente decorado, tiveram lugar as solenidades em honra do Padroeiro da cidade.

Houve Missa Solene a grande instrumental, com sermão.

Nas cadeiras e outros lugares da capela-mor, viam-se os Srs. Dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, Presidente do Município; António Emílio da Costa Ribeiro, Presidente do Grémio do Comércio; Rev.º Dr. Francisco de Melo, de S. Pedro da Raimonda; Rev.º Francisco Silva, antigo secretário do prelado de Angra do Heroísmo; o ministro da Ordem de S. Francisco Rev.º Padre José Carlos Simões, mesas da Misericórdia, Santos Passos e de S. Gualter com o seu Juiz Sr. António José Pereira Rodrigues, etc.

Ao Evangelho, o Rev.º Frei Diogo Crespo vestindo o burel de franciscano — a Ordem a que pertenceu o patrono da festa — subiu ao púlpito para fazer o sermão, que desenvolveu servindo-se do tema: «Deus conduz o justo pelos caminhos do direito».

Num admirável estilo, servindo-se de imagens de grande efeito literário, Frei Diogo Crespo evocou certo passo da história litúrgica: «Cristo transfigurado luminosamente no Tabor», e apresentou a ansiedade de séculos pela figura de Cristo, para se ocupar, mais adiante, da «silhueta» assombrosamente evangélica de S. Francisco de Assis que enviou aos seus frades pelo mundo fora, permitindo a chegada da figura de cândida humildade, que é S. Gualter, ao berço da nossa Pátria, onde enraizou o espírito franciscano de tanta influência na dilatação, através dos portugueses, da fé do Mundo desconhecido.

O orador trasladou, depois, para os nossos tempos, o escorço de todo Cristo procurando no nosso tempo e evidenciando a sua tríplice presença: no Evangelho, na Eucaristia, e no amor entre os homens (corpo místico).

Finalmente exortou os vimaranenses a conservarem as suas tradições, feitas também de Evangelho e de belíssimo franciscanismo.

O Cortejo e o Festival Etnográfico

Os grupos concorrentes ao certame etnográfico e folclórico de danças e cantares portugueses e espanhóis, emprestaram, à cidade, nota bizarra de animação e cor ao desfilarem — precedidos pela Banda de Revelhe pela Av. de D. Afonso Henriques, Largo Prior do Crato, Largo 28 de Maio, Rua de S. Dâmaso, Largo de 1.º de Maio, Rua da Rainha D. Maria II, Toural e Rua de Paio Galvão, a caminho do Mercado, onde se exibiram perante milhares de pessoas que não se cansaram de os aplaudir.

Do conjunto destacaram-se: Rancho Folclórico Poveiro, representando o litoral nortenho; Rancho Folclórico «Tricanas da Rua de Além», de Águeda, pela típica região da Bairrada; Grupo Folclórico de Esgueira, Aveiro, com tricanas daquela região; Rancho Folclórico do Centro de Recreio Popular «Leões da Floresta», da Covilhã, representando a Beira Baixa; Grupo Folclórico «Tricanas de Coimbra», com os cantares alegres das margens do Mondego; Rancho Folclórico do Cartaxo, com as músicas características da região ribatejana; Rancho Coral de Serpa, fiel representante dos usos e costumes do Baixo Alentejo; bem como os consagrados grupos da região minhota «Festada de Guimarães» e «Folclórico de Pevidém».

Teve actuação digna de menção especial a «Agrupacion Coral de Ruada», de Orense, Espanha, pela inconfundível alegria dos seus pares.

A Marcha Gualteriana — Um assombro!

Se é certo que desde o primeiro dia das festas a cidade registou grande afluência de público, na segunda-feira à noite, ao aproximar-se a hora da «Marcha Gualterianas» todas as ruas e largos foram invadidos por uma multidão enorme, vinda de todos os lados.

Nas ruas do percurso — Paio Galvão, Largo do Toural (lado poente), Largo 28 de Maio, Rua de S. Dâmaso, Avenida Alberto Sampaio, Rua Serpa Pinto, Avenida Eng.º Duarte Pacheco, Rua de Santo António, Largo do Toural (nascente e poente) — dificilmente se conseguia passar. As bancadas erguidas em vários locais, encheram-se também. E na tribuna de honra, viam-se as entidades oficiais. Os Srs. Ministro da Defesa Nacional, Subsecretário da Aeronáutica e Governador Civil de Braga, também assistiram ao surpreendente e espectaculoso cortejo, acompanhados pelo Comandante da I Região Militar, General Cotta de Morais.

A «Marcha», que a custo começou a desfilar por entre a *massa* de gente, abria com um numeroso e gracioso grupo de raparigas marchando garbosamente ao som de tambores e era constituída pelos sequentes e surpreendentes carros:

Carro «Maravilhosa fantasia da fada» — Era uma vez... Só uma fada, sonhadora e de fino gosto, nos pode contar o que idealiza, e, concentrada na sua bola de cristal, nos descreve mais um conto de sonho, luz e cor.

«Carro da Cidade», dedicado à Câmara Municipal, Comércio e Indústria do Concelho — Cidade de Guimarães, terra de grandes exemplos, na fé, heroísmo, trabalho, cultura e fiel na sua palavra de honra.

Carro «Sinfonia da Flor», dedicado aos nossos forasteiros — As flores, simples e harmoniosas; transformam a natureza num sonho que é real.

Carro «Uma chama no Oriente», dedicado aos heróicos defensores da Índia Portuguesa — A terra Mãe saúda o Império.

Carro «Alvorada da Mocidade» dedicado à Imprensa Nacional — Castelos altaneiros, nos quais, numa alegria infinda, a mocidade desperta com o alvorecer da vida.

Carro «Capricho aquático», dedicado aos fundadores da Marcha Gualteriana — Água, Luz e Cor, num conjunto de sonho, beleza e magia.

Carro «Ritmo Louco», dedicado aos artistas Portugueses — Os palhaços e a música são o símbolo da alegria e da arte.

Carro «Beleza e Desporto», dedicado a todos os desportistas portugueses — Sobre um manto branco de neve, os esquiadores oferecem-nos o encanto e a beleza do desporto.

Carro «Fantasia Espanhola», dedicado aos visitantes estrangeiros — O som vivo e alegre da música, traz até nós a alegria esfuziante duma noite em Espanha.

Carro «Império das Violetas», dedicado às gentis damas vimaranenses — A época faustosa de luxo e de pompa dos nossos antepassados, reflectida num maravilhoso quadro poético.

Carro «Bodas de Ouro», dedicado a todos aqueles que durante cinquenta anos contribuíram para o engrandecimento da «Marcha» — Concepção simples, mas arriscada; demonstração de uma vontade firme ao serviço de uma causa...

Intercalados entre os carros seguiam milhares de «bonecos» conduzidos por rapazes — «bonecos» com luz, movimento... e determinado sentido crítico ou caricatural: sinaleiros, polícias, operadores cinematográficos, fotógrafos, ardinas, cavaleiros afonsinos, bandas de música, crocodilos, pavões, pernaltas, periquitos, araras, faisões, cegonhas, mochos, pelicanos, poupas, pretos, pica-paus, cardeais, lavradores e lavradeiras, gatos e gatas, «Zés P'reiras», chineses, bailarinos, bobos, «Branca de Neve e os Sete Anões», figuras exóticas, «papa-léguas», mascotes, malabaristas, peixes e pescadores, vareiros e vareiras, equilibristas, atletas, «boxeurs», pedestrianistas e ciclistas, elefantes, macacos, esqueletos, palradores, hoquistas, artistas de cinema, garotos do bacalhau, diabos, varredores, sapateiros, amoladores, criados de mesa, porquinhos, lobos, bandarilheiros, forcados, capinhas, touros — uma tourada completa — ; coelhos, fazendeiros, perus, galos, sécias, damas e cavalheiros do século XV, amas secas, Pato Donald, Panchitos Alegres, Bucha e Estica, Pat e Patchon, «Zés Cariocas», «Adelaides» e «Papos Secos».

Entre vários grupos de «bonecos», exibiam-se as figuras vivas, que o povo aplaudiu: Festada Regional, «Porquinhos», «Gorilas», «Palhaços», «Tremuras» e «Frescanturas».

Solenizando as «bodas de ouro», os carros pararam em volta do Jardim do Toural, enquanto ardia um monumental vulcão de fogo de artifício e, das janelas, eram atiradas flores e serpentinas, para consagrar tão grato acontecimento.

E como homenagem aos caixeiros, a quem cabe a iniciativa da «Marcha», um grupo cantava os versos de Delfim Guimarães:

Caixeiros, num abraço a todos, com
[ternura,
A nobre Guimarães vos presta gra-
[tidão.
Erguei sempre mais alto a sua for-
[mosura,
Que a vossa Marcha *atinja a Suma*
[Perfeição.

A deslumbrante «Marcha Gualteriana» — que recolheu cerca das duas horas da madrugada — foi, sem dúvida, um espectáculo ímpar, com «bonecos» e «animais» movimentados, flores, etc., etc.; maravilhoso conto de fadas num cortejo de luz, cor, música, alegria; verdadeiro encantamento para os olhos e para o espírito — riqueza de colorido, apoteose de sonho, na qual se incorporaram, também, como dizemos acima, vistosos carros alegóricos, grupos folclóricos e festadas minhotas, numa manifestação de arte nunca vista, no género, em qualquer outra terra portuguesa.

Após a «Marcha Gualteriana», foi queimado um monumental *bouquet* de fogo do ar.

ERA UMA VEZ...

«Era uma vez...». Eu não sei
Que mundos desconhecidos
Andavam nos meus ouvidos
Naquelas terras sem rei...

Cheia de dor e de mágoa,
Pus-me a cantar e chorei
Com os olhos rasos de água
Para abafar meus gemidos...

Nisto — que grande alegria! —
Aquela noite sombria
Que na minha alma pesava,
A cada passo que eu dava
Transformava a noite em dia...

«Era uma vez...». Foi então
Que entre lumes e cantigas,
Nas bocas das raparigas
Brilhou estranho clarão!
Todas elas, todas elas
Eram gentis, eram belas
Como no céu as estrelas
Em noites de Escuridão!
Ante essas graças humanas
Geradas por suas mães,
Eu vi, então, Guimarães
Nas Festas Gualterianas!...

(Versos do Poeta Vimaranense *Jerónimo de Almeida,* escritos propositadamente para serem declamados no 1.º dos Carros da famosa «Marcha Gualteriana»).

Uma manifestação espontânea

Quando, na altura da passagem da «Marcha» pelo Largo do Toural, o povo descobriu na tribuna de honra o Senhor Ministro da Defesa Nacional, produziu-se uma grande e calorosa manifestação àquele membro do Governo, ouvindo-se a par de estrondosas salvas de palmas muitos vivas.

Um almoço de homenagem à Imprensa

No último dia das festas e a convite do Presidente do Grémio do Comércio, os representantes da Imprensa reuniram-se no Hotel da Penha em almoço, que decorreu em ambiente de muita intimidade. O Sr. António Emílio Ribeiro, na altura própria, saudou a Imprensa e agradeceu a sua colaboração.

Os festivais — os fogos — os concertos

Durante as festas, nos seus três dias, realizaram-se ruidosos festivais nas ruas e praças da Cidade, tendo havido logo no sábado, no Largo da República do Brasil, o anunciado arraial minhoto, que ali atraiu muita gente, tendo-se feito ouvir algumas filarmónicas. No domingo e no Jardim Público, deu um concerto com escolhido programa a Banda Regimental de Infantaria 6. No mesmo recinto e na segunda-feira, houve festival com exibição dos grupos folclóricos.

As iluminações eram de belo efeito, tanto no Toural como em S. Francisco, Ruas da Rainha, Paio Galvão e S. Dâmaso, Largo da República do Brasil, etc. Foi queimado nas três noites grande quantidade de fogo de artifício, que agradou.

A cidade esteve extraordinàriamente movimentada em todas as noites.

Crónicas para maiores de 50 anos

XVII

Já na véspera havia as iluminações em todas as varandas das casas de Guimarães, que se colocavam em lanternas saídas das salas de arrumos, onde esperavam os dias festivos para figurarem nas deslumbrantes, para aquele tempo, iluminações de regozijo.

Para isso tiravam-se as maçanetas das varandas e encaixavam as bainhas de folha das lanternas nas hastes que as sustinham, e logo que fosse noite, acendiam-se as velas de estearina, que com a sua débil luz davam muito mais esplendor e incutiam muito mais regozijo, que estas ofuscantes luzes de agora de cores variadas.

E em todo o âmbito da freguesia da Oliveira eram verdadeiros regatos de luz, modesta sim, mas que alegrava o coração e o fazia palpitar e ansiar a festa do dia seguinte e punha toda a gente na rua a admirar essa ingénua e comovedora manifestação de regozijo geral.

Lá no largo da Oliveira destacava-se a torre da Colegiada com as grizetas a brilhar no escuro, nas ameias e nas sineiras por baixo dos grandes sinos.

Nós, os pequenos daquele tempo, pasmávamos para aquele deslumbramento, tanto maior que nas varandas da Câmara corria um risco de luz, não desta fria e inexpressiva do moderno «Neon», mas da viva chama do pavio das grizetas que, além das clássicas lanternas, a Câmara prodigalizava ao longo dos ferros da sacada.

Ouvia-se o borborinho da multidão que se juntava no largo e ia comentando, e por essas ruas, no gozo antecipado do dia seguinte, e tão tranquilo era o ambiente que até se ouviam as passadas na calçada.

E a rapaziada, que éramos nós, os velhos de hoje, esperava impaciente o raiar do dia seguinte, e ia-se deitar mais tarde nessa noite, às 10 horas, que eram mais tardias que as de agora, ainda sem a meia hora dos fusos e a de Verão.

E o dia seguinte anunciava-se aí pelas quatro, quatro e meia da manhã, pelo — tum-tum, re-tum-tum... — da girândola de morteiros na estrada de Fafe, que atroava os ares, acordava toda a gente, já com o sono passado e punha a garotada de um salto fora da cama, sem querer saber da água e sabão para esfregar o focinho, e o que queria era ir logo correr para apanhar as canas dos foguetes e procurar a música que ia arruar e fazer-lhe o cortejo habitual e admirativo.

Outros iam logo para a torre da Oliveira onde o sr. António sineiro lhes facultava a entrada para começarem com o toque anunciador, antes mesmo das Trindades, do regozijo da cidade — o sino do Relógio, que era da Câmara, começava a badalar na sua toada fina e cristalina — tam-tam, tam-tam, tam-tam... — passando a corda de mão em mão, horas seguidas.

E aquele tinido tão alegre punha em polvorosa toda a garotada da cidade, e dava não sei que impulso ao nosso coração, dispunha tão bem as almas, que até nos mais rudes serviços punha um tal alívio, que só se viam caras risonhas e sorrisos de satisfação.

Ah! aquele sino do Relógio como nos encantou na infância e nos alegrou na juventude e nos entusiasmou nos momentos dos grandes acontecimentos citadinos e nacionais!

E depois o repique solene e profundo dos sinos da Colegiada, às horas do ritual, enchia toda a cidade de som festivo, levando a sua voz, que todos conheciam e ouviam, a todos os lares vimaranenses.

Isso era no tempo já inacreditável da tranquilidade de vida sem estes alucinantes, estrepitosos e enervantes ruídos destes tempos, em que uma conversa tem de ser travada aos berros, adivinhada por gestos e na maior parte perdida, porisso só se pode conversar acerca de desporto, que é traduzido por cabeçadas, por murros, ou por... coices, e claro que este último termo se refere, não ao futebol como se poderia supor, mas aos concursos hípicos...

Depois toda a gente saía para a rua à hora da festividade, sempre concluída pela Procissão.

Já aqui deixei as impressões, bem descoloridas e incompletas, das Procissões da Oliveira e desta vez só há a acrescentar o mar de som que nos enchia o coração, como que se repercutia no peito e até era indispensável e sem o qual não tinha sabor, nem quase significado, uma festa vimaranense ou nacional — o sino do Relógio, «tam-tam, tam-tam-tam-tam...» e os repiques da Colegiada.

Lembram-se por certo os meus contemporâneos da festa da «Pelote» e da Missa rezada no Padrão do Salado?

Parece-me que ainda tenho nos olhos umas vagas imagens dos cónegos paramentados de brocados e ouro, no ofício Divino, a gente que passava e ia ajoelhar-se respeitosamente, os sapateiros, alfaiates e funileiros do Largo e do princípio da rua da Rainha, seguindo o correr na Missa, sem deixar de bater a sola, de pregar os botões ou de deitar uns pingos numa panela e, ao toque da Elevação, largavam tudo e atiravam-se de joelhos diante dos símbolos dos Mistérios Divinos; no tempo em que as normas eram — Trabalho e Devoção.

E o Largo vibrava de som alegre, entusiasta e emotivo dos repiques da Colegiada, esmaltados do estridente tinido do sino do Relógio.

E neste ano vi-me, ou quis ver-me, transportado àqueles ditosos tempos da infância e lá estava o Largo cheio de tropa, toques de corneta, hinos e continências.

Na Colegiada o altar da Senhora da Oliveira, que presidiu ao meu baptismo, estava ofuscante de luzes, tantas luzes como naquele ditoso tempo, mas faltava-lhe o Cabido, aquele grupo de homens que deu brilho a Guimarães, mas brilhante também da presença de Ministros e do Arcebispo Primaz e das Autoridades que sempre ali tiveram lugar.

Ia-se benzer uma Bandeira que, como uma que a cidade de Guimarães outrora enviou à India, seria destinada às tropas que nesse distante torrão português ocupam e defendem o que é nosso.

Lá dentro da Colegiada pareceu-me assistir, junto da minha santa Avó, àquelas magníficas solenidades de outros tempos, e depois, cá fora, a uma parada do Juramento de Bandeira do velho Regimento de Infantaria 20.

Lá vai aquela Bandeira de linho de Guimarães juntar-se à outra que há trezentos e tantos anos daqui saiu, e as duas, como disse na sua vibrante, patriótica e ardente alocução, o orador sagrado, do púlpito da Colegiada, muito terão que contar, uma dos tempos passados, e esta dos que vamos vendo pela vida fora.

A velhinha, a tal Bandeira anónima, que lá tem animado a nossa gente, há-de estar ansiosa pela chegada desta para saber «coisas» da sua terra, de Guimarães.

De onde é o linho, que campos o cultivaram, que rio o macerou, que engenhos o trilharam, que festa foi a da sua espadelada e que moças empunharam as espadelas, que mãos de donzelas o assedaram, que lábios já franzidos de velhas donas o beijaram, e que mãos já cansadas o enovelaram, o dobaram, o puseram em meadas, que teares no seu rítmico matraquear o teceram; que gentis bordadoras o esmaltaram de verde, vermelho, oiro e azul.

E como foi a Festa da Bênção, o brilho dos tocheiros, das velas de cera, se a Senhora ainda estava revestida do seu manto doirado e com a meada dos fios de oiro das primeiras dádivas das terras descobertas.

Mas pelo que mais há-de insistir é pelo carinhoso e nostálgico som dos sinos da Colegiada e, como ouvi dizer depois, o festivo tilintar do sino do Relógio, já instituido uns centos de anos depois de de cá sair.

E a rica Bandeira de Nossa Senhora da Oliveira, que leva esse Nome gravado, e o de Guimarães, há-de dizer-lhe, constrangida e talvez envergonhada:

— Nada, nem sequer um toque de sino, nem o do relógio, nem os da Colegiada, mas eu reparei neles e até nem sabia para que serviam!

Jugueiros — Felgueiras,
5 de Agosto de 1956.

A. DE QUADROS FLORES.

António Fernandes

Agradecimento

A viúva, filhos, genro e noras do saudoso extinto, agradecem muito reconhecidamente a todas as pessoas que lhes apresentaram condolências e assistiram ao funeral e à missa do 7.º dia por alma do seu querido marido, pai e sogro. 502

Guimarães, 10 de Agosto de 1956.

Comunicado

Joaquim da Silva Leite, morador no Largo do Trovador, n.º 21, desta cidade, torna público que não se responsabiliza por qualquer dívida contraída por sua mulher, Deolinda da Luz Fernandes, assim como procederá por meios legais contra quem comprar à mesma quaisquer roupas, móveis ou utensílios domésticos. 503

Guimarães, 10 de Agosto de 1956.

(a) *Joaquim da Silva Leite*

Com GAZCIDLA não tem fumo; tem economia! 483

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fazem anos:

No dia 14, o nosso prezado amigo sr. José Manuel Moniz Lima; no dia 15, a sr.ª D. Maria Angelina de Araújo Abreu Brandão e os nossos bons amigos srs. Carlos Teixeira Pinto e Fernando Figueiredo; no dia 16, a sr.ª D. Nélia de Castro Guise, filha do nosso bom amigo sr. Manuel de Sousa Guise e os nossos prezados amigos srs. Armando da Cunha Nogueira Mendes e rev.º dr. José de Jesus Ribeiro, ilustrado Prior de S. Sebastião; no dia 18, a sr.ª D. Maria Belém Teixeira Mendes de Oliveira e o nosso bom amigo sr. Joaquim de Sousa Pereira Vinagreiro.

«Notícias de Guimarães» *apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.*

Bodas de Prata

Festejam, no próximo dia 15, as suas Bodas de Prata matrimoniais, a sr.ª D. Maria Alcina Fernandes Salgado Pinheiro e o sr. Artur César dos Santos Pinheiro, motivo por que lhes apresentamos sinceras felicitações.

Pedido de casamento

O sr. Adelino José Ribeiro, comerciante em Guardizela e componente da Junta de Paróquia, pediu em casamento no domingo, para o sr. Manuel Ribeiro, nosso solícito correspondente na mesma freguesia, filho do sr. Narciso Ribeiro, já falecido e da sr.ª D. Balbina de Almeida, a mão da menina Maria Clementina Coelho da Costa, filha do sr. Joaquim da Costa Carneiro e de sua esposa a sr.ª D. Maria da Conceição Costa, de Freamunde.

O auspicioso enlace deve realizar-se brevemente.

Aos noivos desejamos as maiores venturas.

Nascimento

No pretérito dia 6, nasceu no Porto, em casa de seus pais, uma menina, filha da sr.ª dr.ª D. Maria Ana Lopes de Quadros Flores e do Eng.º sr. António José Carneiro de Quadros Flores.

Mãe e filha estão bem. Parabéns.

— Em Nova Lisboa (Angola), nasceu uma criança do sexo masculino, filha da sr.ª D. Maria Eulália Lemos de Macedo Dias de Castro e do sr. Carlos Jorge Cardoso Dias de Castro. Parabéns.

Partidas e chegadas

Estiveram nesta cidade, a passar as Festas Gualterianas, os nossos prezados amigos srs. A. L. de Carvalho, Coronel António de Quadros Flores, Delfim de Guimarães e A. Garibáldi, nossos ilustres colaboradores, acompanhados de suas famílias; Professor Abel Santos, do Porto; João Pedro de Sousa Guise e esposa, Alírio de Sousa, Manuel Pina, António Pereira de Freitas, João Isíodoro Bouça, Pedro Pereira de Freitas, João do Couto Salgado Júnior, de Lisboa, com suas famílias; dr. António Mota Rebelo da Cruz e família, de Valença; Joaquim Lopes Martins e Adrião Abílio Saraiva Martins e famílias, do Porto; Agostinho Martins Guimarães e família, de Espinho; Rev. dr. Francisco de Melo, pároco de S. Pedro da Raimonda; José Torcato Ribeiro Júnior e esposa, residentes em Estarreja; dr. Alberto Pita da Costa, Juiz de Direito em Ovar, e família; Rev. P.e António Alexandre Ferreira de Melo, residente em Viana do Castelo; Rev. P.e Francisco Fernandes da Silva, residente em Caminha; dr. António Paúl e família, do Porto; António Luís Teixeira e família, de Beja; José Soares Barbosa de Oliveira e António Soares Barbosa de Oliveira, com suas famílias; Eng.º Adelino Soares Leite, de S. Nicolau; Tenente Bernardo de Castro, de Cabeceiras de Basto; Domingos Ribeiro, residente em Braga; João de Passos Ferraz e família, residente na Póvoa de Varzim, e António Azevedo Ferreira e família, de Lousada.

— Também estiveram nesta cidade, a passar as festas, com suas famílias, as sr.as D. Maria de Lourdes Couto Moreira de Campos, residente em Lisboa, D. Maria José Pacheco Lopes, de Tondela, e D. Maria das Dores Martins Campos, de Riba d'Ave.

— Com suas famílias partiram para a Póvoa de Varzim, os nossos prezados amigos srs. Gualdino Pereira, António José Paredes, Manuel Afonso, José Machado Vaz, Joaquim Laranjeiro dos Reis, Eng.º Pedro Barbosa Lobato, Augusto de Aguiar, Fernando da Costa Setas, Manuel Vaz da Costa Marques, António José da Costa, dr. Manuel Jesus de Sousa, Manuel Joaquim Pereira de Carvalho e Francisco d'Assis Pereira Dantas.

— De Aveiro, onde reside, seguiu ontem para o estrangeiro, com demora de algumas semanas, o nosso conterrâneo e amigo sr. dr. Gabriel T. Faria.

— De Almada partiu para as Pedras Salgadas o nosso prezado amigo sr. Alberto Cardoso.

— Partiu ontem para Viana do Castelo, onde tenciona demorar-se até ao fim do mês, o nosso querido conterrâneo e amigo sr. Abel Cardoso.

— Acompanhado de sua esposa e filhas, esteve nesta cidade o nosso prezado amigo sr. José Mendes Ribeiro Júnior.

— Partiram para o estrangeiro os nossos prezados amigos srs. dr. João Afonso de Almeida e dr. João António de Almeida.

— Com sua esposa esteve nesta cidade o nosso estimado conterrâneo e amigo sr. dr. João Afonso de Almeida Carneiro.

— Com sua família encontram-se a veranear em Espinho os nossos prezados amigos srs. dr. Francisco Moreira Sampaio e dr. Alberto M. de Campos Moreira Sampaio.

— Com sua família encontra-se a veranear na Figueira da Foz o nosso prezado amigo sr. João Carvalho Guimarães Júnior.

— Encontra-se a veranear na Praia de Molêdo, o nosso prezado amigo sr. Francisco Lage Jordão.

— Regressou de Lisboa o nosso prezado amigo sr. dr. José Pinto Rodrigues.

— Depois de ter passado algum tempo nesta cidade, de visita a pessoas de família, regressou ao Porto a sr.ª Maria Amélia Vilaça Ferreira, filha do nosso bom amigo sr. Manuel Artur Gonçalves Ferreira.

— Com sua família regressou da Póvoa de Varzim a Lordelo o nosso bom amigo sr. Luís de Sousa Nogueira.

— Regressou a Lisboa o nosso amigo sr. José da Fonseca Barbosa de Oliveira.

— Esteve nesta cidade o nosso ilustre conterrâneo sr. Capitão António José Leite de Castro.

— Com sua família está nesta cidade o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. dr. Serafim Ferreira de Oliveira.

— Encontra-se, com sua família, a veranear em Fão a sr.ª D. Maria do Céu Guimarães.

— Com sua família encontra-se a veranear em Cepães (Fafe), o nosso bom amigo sr. Domingos Cosme Baptista Vieira.

— Partiu, com sua família, para Castelo Branco o nosso prezado amigo sr. dr. J. Catanas Diogo.

— Encontra-se, a uso de águas, na Curia o nosso prezado amigo sr. Manuel C. Martins.

Doentes

Na 2.ª-feira, foi operada no Hospital da Ordem do Carmo, onde se encontra hospitalizada, tendo-se acentuado de dia para dias as suas melhoras, a sr.ª D. Maria Albertina de Carvalho Carneiro da Silva Guimarães, esposa do nosso prezado amigo sr. Augusto Joaquim da Silva Guimarães.

— Em convalescença regressaram da Casa de Saúde da Boavista a esta cidade, as sr.as D. Amélia Ferreira e D. Maria da Conceição Martins Ferreira, esposa e filha do nosso prezado amigo sr. Isidro José Ferreira, e o nosso bom amigo sr. José de Sousa Neves.

— Já regressou a esta cidade, em vias de franco restabelecimento, o nosso estimado conterrâneo sr. João António Carvalho de Almeida, estudante liceal.

Desejamos o breve e completo restabelecimento de todos os doentes.

Falec. e Sufrágios

Exéquias por alma do dr. Leopoldo Martins de Freitas

Comemorando o 30.º dia do passamento do saudoso sr. Comendador dr. Leopoldo Martins de Freitas, que foi Ministro da V. O. T. de S. Francisco e Director da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães, celebraram-se solenes exéquias, por sua alma, na passada quinta-feira, no amplo templo da S. Francisco, que por tal motivo registou uma numerosa assistência, entre a qual se viam as instituições beneficentes da cidade e diversas Corporações Religiosas, assim como muitas senhoras e cavalheiros das relações do extinto e da família enlutada.

O templo ostentava uma decoração de preto, erguendo-se no transepto um elegante catafalco, que estava rodeado de luzes.

A Mesa da V. O. T. de S. Francisco assistiu, com os seus hábitos, aos actos fúnebres na capela-mor.

D. Júlia do Carmo Gonçalves de Oliveira (Ferra)

Contando 82 anos e confortada com todos os Sacramentos da Igreja, finou-se na sua residência, à rua de D. João I, no dia 8, esta bondosa senhora, viúva do sr. Domingos Francisco de Oliveira Guimarães (Ferra), mãe dos srs. Domingos Ferra de Oliveira Guimarães, casado com a sr.ª D. Irene Cabral Guimarães (ausentes em Africa); Aureliano Ferra, casado com a sr.ª D. Eva da Costa e António Ferra, casado com a sr.ª D. Alice de Barros Martins Ferra; avó das sr.as D. Maria Ermelinda e D. Maria José da Costa Ferra e do sr. Aureliano da Costa Ferra; das sr.as D. Maria Júlia Cabral Guimarães e D. Maria Fernanda Cabral Guimarães (ausentes), e do menino António Aurélio Martins, e tia dos srs. Alvaro de Oliveira Guimarães, António de Pádua Martins (Ferra), Aurélio de Barros Martins (Ferra), Armando de Barros Martins, Almério de Oliveira Martins (Ferra), e das sr.as D. Laura de Barros Martins Bastos e D. Alódia Vilaça Martins Neves.

O seu funeral, que esteve bastante concorrido, realizou-se na quinta-feira na capela da V. O. T. de S. Domingos, tendo sido o cadáver trasladado em seguida, e com numeroso acompanhamento, para o Cemitério Municipal.

A chave do caixão foi entregue ao sr. Julião Carneiro da Silva, Chefe dos C. T. T. desta cidade.

A toda a família dorida apresentamos sentidas condolências.

Monsenhor João António Ribeiro

Passando-se amanhã, dia 13, mais um aniversário do falecimento do saudoso Monsenhor, a direcção da Pia Associação dos Amigos do S. C. de Jesus, manda celebrar a Santa Missa, pelas 8 horas, na igreja de Nossa Senhora da Oliveira, convidando por este motivo todos os seus associados, a tomarem parte nesta homenagem ao seu fundador, e bem assim todos os paroquianos.

António Fernandes

Na sua residência à rua de Santa Maria, faleceu, no dia 27 de Julho, o sr. António Fernandes, casado com a sr.ª D. Antónia Machado; pai das sr.as D. Laura de Jesus Fernandes e D. Joaquina Fernandes e dos srs. Joaquim Fernandes, Gaspar Fernandes, Jerónimo Fernandes e Américo Machado Fernandes, e sogro das sr.as D. Alda da Madre-de-Deus Oliveira e D. Joaquina Pereira e do sr. José Domingos Santos Carvalho.

O seu funeral, que foi muito concorrido, efectuou-se no dia 29, para o cemitério Municipal.

A toda a família dorida, apresentamos condolências.

Vida Católica

Nossa Senhora da Oliveira

Realiza-se na próxima 4.ª-feira, na Colegiada, a festa da padroeira N. S. da Oliveira, com o seguinte programa:

A's 9 horas, na missa das crianças, renovação das promessas do baptismo e profissão de fé, com uma numerosa comunhão solene de crianças; às 11 horas, missa soleae, cantada; de tarde, pelas 17 horas, exposição do Santíssimo, sermão pelo distinto orador sagrado rev. dr. Aurélio Fernando M. Pereira, Te-Deum e Bênção Eucarística. Toma parte a «Schola Cantorum Vimaranense».

Nossa Senhora de Fátima

Como de costume, realiza-se também, amanhã, a devoção mensal em honra de N. S. de Fátima, havendo na igreja de N. S. da Oliveira, às 12,15, missa rezada, terço, comunhão geral, invocações e Bênção do Santíssimo.

Nas igrejas paroquiais de S. Sebastião e de S. Paio, bem como na igreja de S. Dâmaso e capela de Nossa Senhora da Guia, também haverá, às horas habituais, missas e outros actos de culto em honra de Nossa Senhora de Fátima.

NOVA ESTAÇÃO DE SERVIÇO ELÉCTRICO

instalada em amplo edifício, construido expressamente

NA — AVENIDA CONDE DE MARGARIDE
TELEFONE 40316

BATERIAS — PNEUS — ÓLEOS — MOTORES ELÉCTRICOS — APARELHAGEM DE MEDIDA E PROTECÇÃO — BOBINAGENS DE MOTORES E DINAMOS — RECONSTRUÇÕES E CARGAS DE BATERIAS — ELECTRO-MECÂNICA

Elísio da Cunha e Castro participa à sua numerosa e estimada clientela, que transferiu para esta nova casa as suas oficinas que se encontram quase completamente montadas e são de forma A BEM SERVIR.

ALTO, SR. PROPRIETÁRIO!

Nas s/ compras de TUBOS GALVANIZADOS exija e verifique que sejam de parede normal.

A aquisição de tubos de parede reduzida vai agravar-lhe o orçamento. Consulte-nos e nós o provaremos. Uma **única** Firma deste concelho importa directamente TUBOS GALVANIZADOS e garante o que vende porque sabe o que compra.

Em TUBOS GALVANIZADOS... ALTO!
Em GUIMARÃES... SÓ

A Competidora de Representações, L.da
RUA DA RAINHA N.º 115 — TELEF. 4523 8

PRESTE ATENÇÃO ESTIMADO LEITOR:

Se está interessado em mandar executar qualquer género de instalação de Força Motriz, Iluminação, Aquecimento, Telefones e Campaínhas, consulte no seu próprio interesse

J. MONTENEGRO — L. 28 de Maio, 78-1.º — Tel. 4510 — GUIMARÃES 1

Marcha Gualteriana

A Comissão da Marcha Gualteriana telegrafou na 3.ª-feira ao Sr. Ministro da Defesa Nacional, nos seguintes termos:

«Comissão Marcha Gualteriana reunida extraordinàriamente muito honrada prestigiosa presença V. Ex.ª presidindo tribuna de honra desfile nosso cortejo faz votos saúde V. Ex.ª agradece penhorada».

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Henrique Gomes, à R. da Raínha, Telef. 4146.

Sapataria ESTRELA

Calçado para Homem, Senhora e Criança

Calçado por medidas

(Secção de consertos)

Rua de S. Dâmaso, 121 - 123
GUIMARÃES 500

Mande consertar calçado nesta casa

AGRADECIMENTO

Em meu nome pessoal e no da Câmara Municipal de Guimarães, cumpre-me agradecer o comportamento cívico e bairrista das forças vivas e do povo desta cidade e concelho, pela maneira elevada como souberam receber os membros do Governo na manhã do dia 5, quando oficialmente nos visitaram para a festa patriótica da bênção da Bandeira que a nossa Terra, numa compreensão da sua missão histórica, resolveu, em boa hora, oferecer ao povo e aos soldados da India.

E foi tão espontânea essa manifestação de regozijo que além da que se realizou no dia 5, outra se efectuou na noite da Marcha Gualteriana, ao Senhor Ministro da Defesa, por pessoas dos mais variados credos políticos.

Em face de tão claras provas de amor a Guimarães não só agradeço a maneira calorosa como corresponderam ao meu apelo, como também saúdo o povo, a imprensa e as forças vivas da gloriosa Cidade da Fundação de Portugal.

O Presidente
da Câmara Municipal,

José Maria Pereira de Castro Ferreira. 498

Sorte Grande

O N.º 63.803 da última extracção da Lotaria Popular, foi contemplado com 20.100$00 e vendido pelo Quiosque do Cantinho. 501

Com GAZCIDLA não tem fumo; tem economia! 483

DESPORTO

PONTOS DE VISTA

Há um aforismo que diz: — Após a tempestade vem a bonança.

Assim parece ser de facto, quanto à pesada «nau» do Vitória, que, depois de ter navegado num «mar encapelado» de dúvidas e anseios, singra agora em «águas serenas», numa rota traçada cuidadosa e conscientemente, rumo ao «porto de abrigo» desejado.

Este figurado, não é mais que um devaneio, de quem sente e vibra com as cousas vitorianas e está convencido de que a orientação dada presentemente aos assuntos do Clube, é aquela que melhor pode servir os seus interesses.

Nada de transferências; exclusão de cedência de jogadores; aquisição de novos elementos, e recondução do corpo directivo, com a inclusão de novos elementos cujas qualidades de trabalho e competência ninguém pode contestar. Eis o panorama que se oferece, felizmente bem diverso, do de algumas épocas passadas. E sendo assim, como na verdade é, justo é o regozijo, salientando-se a garantia de apoio moral e material do Ilustre Presidente do Município, que, como primeiro cidadão vimaranense, bem demonstrou compreender, o que representa no desporto nacional, o prestígio desportivo duma das mais importantes cidades de Portugal.

No entanto, o progresso duma colectividade, não depende exclusivamente da boa vontade e sacrifício duma minoria. Pelo contrário, ela só poderá atingir o ponto desejado, pelo esforço conjunto de todos os seus elementos, que se lhe devem dedicar de alma e coração, dando-lhe o seu apoio nos mais variados aspectos.

Não é bastante, trazer as quotas em dia (e quantas vezes nem isso acontece), como não é suficiente o clamar em alta voz a sua dedicação clubista!... E' necessário, por pequeno que seja, o auxílio material através das comissões angariadoras de fundos, pois delas depende em grande parte a aquisição dos indispensáveis reforços; é preciso colaborar na inscrição de novos associados, pois deles depende uma maior valorização moral e material do Clube; é indispensável, o incentivo vibrante mas correcto, aos atletas durante as pugnas desportivas; é imprescindível, enfim, que cada sócio se convença que pode, por modesto que seja ou se julgue, ser um auxiliar valioso na recondução da equipa do Vitória ao lugar desejado que, por má sorte e outras coisas mais de que já nem vale a pena falar, há cerca de dois anos lhe foi arrebatado inglòriamente.

Que este meu **ponto de vista** *seja também o de todos os vimaranenses, são os meus votos sinceros.*

JOSÉ ABÍLIO.

Campeonato do Minho
DE
Hoquei em Patins

Mais uma jornada e termina o bem disputado Campeonato deste ano. O Vitória e o Famalicense foram as equipas mais em evidência, tendo a última, com o resultado obtido na quarta-feira-feira passada, ganho o título em disputa. Mas inumeremos os resultados das últimas duas jornadas:

12.ª jornada — Vitória, 6 — Barcelinhos, 0; Taipas, 6 — Académico, 4; Oquei Barcelos, 1 — Famalicense, 4 e Tebe, 5 — Vianense, 1.

13.ª jornada — Famalicense, 3 — Vitória, 1; Tebe, 4 — Taipas, 1; e Vianense, 4 — Barcelinhos, 1. Do jogo O. Barcelos - Académico não temos ainda conhecimento do resultado no momento em que escrevemos.

A equipa do Vitória, no sábado das Festas, triunfou com normalidade da sua filial. Foi um jogo correcto, onde predominou a camaradagem desportiva e onde o resultado se foi avolumando como consequência da superioridade dos locais.

No jogo de Famalicão a equipa da terra venceu bem a do Vitória. O seu jogo foi superior, sobretudo em domínio territorial. Talvez este, em parte, tenha sido consentido pelo sistema táctico empregado pelos vimaranenses, o que pode demonstrar que a orientação, dada para o jogo, à equipa não foi a mais lógica. Ao Vitória só lhe interessava o triunfo e, por isso, em nosso parecer, a solução seria sòmente a de insistência sobre a baliza do adversário. Não se fez isso e, talvez por essa causa, o título nos *voou*... Temos a convicção de que há igualdade de valor entre os dois conjuntos e, portanto, se os vimaranenses tivessem empregado armas iguais às dos da casa, talvez o resultado do encontro fosse diferente e o título nos viesse a pertencer. Bem sabemos, que o estado do Rink não nos era favorável, devido ao tempo, mas mais do que ele, o outro factor veio a influir no resultado do jogo. Mas o que não tem remédio, fica sem solução e o que há agora a fazer, é continuar com preparação cuidada para levantar o nome do Clube na poule de apuramento do Campeonato Nacional, para o qual o Vitória está desde já apurado.

A prova terminou, entem, com o jogo contra o Académico, ao qual faremos referência no nosso próximo número.

*

Trouxeram-nos uma *folha*, que se publica na cidade, onde se faz referência ao que aqui escrevemos sobre a atitude tomada pelo Hoquei das Taipas, quando teve de vir jogar a Guimarães. O assunto já foi devidamente analisado por nós e, portanto, sobre ele nada mais temos a acrescentar, do que noticiar a multa de Esc. 250$00 aplicada ao Clube, da Vila do nosso Concelho, por estar incurso no art.º n.º 135 do Regulamento Geral da A. P. Braga.

Quanto à referência pessoal, para com o cronista deste Jornal, sòmente repetimos aquilo, que já dissemos, quando nos mostraram a *folha*:

— O sacristão, ao escrever, estava *toldado* com o vinho que tinha bebido das *galhetas* do Padre...

Acto de Justiça

Foram levantados os dois jogos de interdição ao Campo da Amorosa, que tinham sido aplicados em consequência do ocorrido no jogo de passagem à I Divisão, entre o Vitória e a Académica.

A Direcção do Vitória, em devido tempo, tinha apresentado recurso para o Conselho Jurisdicional da Federação e este atendeu-o, em parte, reduzindo a pena à multa de Esc. 1.000$00.

Foi um acto de justiça, que lògicamente realçamos, pois como prejuizo bastou o *mau juizo* do sr. Eduardo Gouveia, que dirigiu o referido jogo.

TREINOS DO VITÓRIA

Orientados pelo novo treinador do Vitória, sr. Oscar Tellechea, começaram, na passada sexta-feira, os treinos das equipas de futebol do Vitória.

Começa assim a labuta para uma nova época que esperamos seja auspiciosa para o nosso primeiro Clube. Desde já temos que nos felicitar com a escolha do novo técnico, pois possuí credenciais que abonam suficientemonte a sua capacidade. Oscar Tellechea é bastante conhecido dos vimaranenses, pois, como jogador, alinhou, durante muito tempo, na equipa do F. C. Famalicão, tendo ainda anteriormente representado, no nosso País, o Académico do Porto, o Belenenses e o Estoril. Como treinador, profissão que escolheu quando abandonou o Famalicão, orientou primeiramente o Académico de Viseu, num período áureo deste Clube, depois a Académica de Coimbra, onde se conservou quatro anos e, mais recentemente, o Torreense, que dirigia no ano em que este subiu à I Divisão.

Novos jogadores de futebol

Na séde do Clube está aberta a inscrição para todos aqueles que, dentro da idade oficialmente regulamentada, queiram representar o Vitória Sport Clube na categoria de juniores.

Assuntos de Caça

A fim de tratar de assuntos de importância para a defesa da caça, deslocaram-se a esta cidade no passado dia 2 do corrente, e tiveram demorada conferência com os membros da Comissão Venatória Concelhia de Guimarães, os srs. Capitão Manuel da Silva Araújo e Gama e João Baptista Lopes, respectivamente Secretário e Tesoureiro da Comissão Venatória Concelhia de Braga.

Aquelas entidades, que por volta da meia-noite subiram à montanha da Penha acompanhadas pelos Directores da Comissão Venatória Concelhia de Guimarães, depois de uma troca de sugestões, concluiram os trabalhos em vista pelas duas Comissões Venatórias, tendo seguidamente retirado para Braga.

CENTRO DE RECREIO POPULAR

O Centro de Recreio Popular (F. N. A. T.), realiza no recinto do Grémio do Comércio, gentilmente cedido para tal fim, sessões de cinema, espectáculos artísticos, etc., ao ar livre e durante os meses de Agosto e Setembro, tendo tido início já estas diversões.

Segundo nos informam, estão já firmados contractos para a exibição de filmes que devem agradar sobremaneira.

O recinto, fechado, é hoje um óptimo local para passar umas horas durante a noite, estando ali instalado um serviço de bufet.

Agradecemos o livre-trânsito que nos foi oferecido.

NO MEU CANTINHO

Domingo, 5 de Agosto.

Mendes Simões brilhou no Jornal da Matilde.

E voltou a brilhar no Jornal do Antonino.

Em qual dos dois o brilho foi maior?

GERESINO.

Guardizela

Festa memorável

É já no próximo domingo que Guardizela viverá um dia de grande memória pelos motivos da festa em honra do Mártir S. Sebastião e da Missa Nova do Rev.º Padre Cândido da Conceição Rocha.

O programa está assim elaborado:

No domingo, às 9 horas: A Banda dos B. V. de Riba d'Ave dará a sua entrada junto da oficina do sr. Adelino Ribeiro — estrada acima.

A's 10 horas: sairá da sua residência o Rev.º Padre Cândido da Conceição, em cortejo, em direcção à igreja paroquial.

A's 10,30 horas: Missa Nova com sermão do novo sacerdote — seguida de *Te-Deum*. No final haverá o Beija-mão.

A's 14 horas: dará entrada em frente à Imagem do Coração de Jesus, em Riba d'Ave, a Banda da Fábrica Rio Vizela.

A's 15 horas: Sermão na igreja em honra do Martir S. Sebastião, no fim do qual irá uma procissão ao lugar de Santa Luzia e voltará à igreja.

Depois os músicos subirão aos coretos para aí executarem os melhores números dos seus vastos repertórios.

*

Na quarta-feira, dia 16, a recepção a prestar ao Rev.º Cândido da Rocha será aguardada junto ao lugar da Carvalheira do Regalo.

O que ela for, dir-se-á depois. — C.

DESASTRE MORTAL

Na madrugada de terça-feira, após as Festas da Cidade, o carro BB 20-84, dos Arcos de Valdevez, que conduzido pelo sr. Maurício Rogério de Sousa seguia desta cidade, atropelou mortalmente, em Fermentões, José Mendes, casado, de 47 anos, carpinteiro, das Caldas das Taipas, o qual com sua família regressava também desta cidade a sua casa.

Com GAZCIDLA não tem fumo; tem economia 463

Ofertas e Procuras

Aluga-se Habitação com garagem, quintal, água quente e fria, central. Nesta Redação informa. 451

Tear manual Jackard, compra-se. Carta à Redacção. 481

CASA Aluga-se em estado de nova, pequena família, na rua Gravador Molarinho. Falar na mesma rua N.º 12. 488

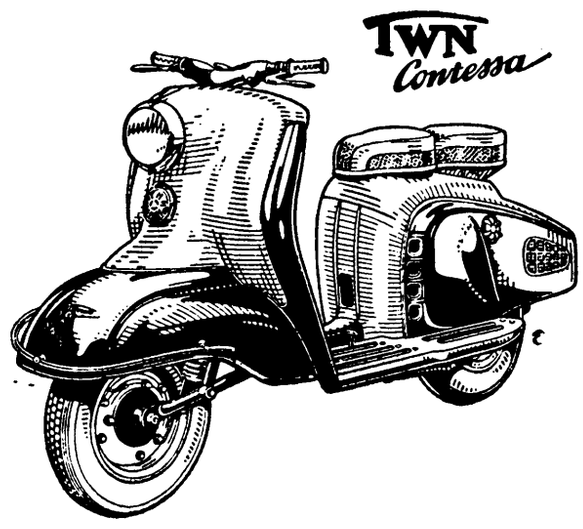
VENDE-SE Uma urdideira manual com a respectiva licença de urdidor e dois teares manuais largos. Falar com Ana Dias Leite Machado — Lugar das Quintãs — Serzedo. 486

VENDA DE UM CARVALHAL

Vende-se um carvalhal, cerca de 300 árvores que dão boa lenha e madeira, na Quinta da BARRELA, FREGUESIA DE INFIAS, VIZELA. Recebem-se propostas em carta fechada. Informa o Telefone 4316 de Guimarães. 487

SOFRE DOS CALOS?

Não perca tempo e dinheiro com deslocações a outras terras para os tratar! Trate-os em Guimarães, no Largo Condessa do Juncal, 27-1.º. Telefone 40471. 17



A última maravilha da técnica alemã

SCOOTERS — MOTOS

Bicicletas Motorizadas - Motores de Rega

AGENTE NOS CONCELHOS DE:

Guimarães — Fafe — Felgueiras — Famalicão e Póvoa de Varzim

HENRIQUE F. CARLOS SOARES
AV. CONDE DE MARGARIDE
GUIMARÃES

TWN

UM SÍMBOLO DE CONFIANÇA 497

FIBRA ARTIFICIAL

PHRIX 9

Agentes-Depositários

WANDSCHNEIDER & C.ª, L.DA

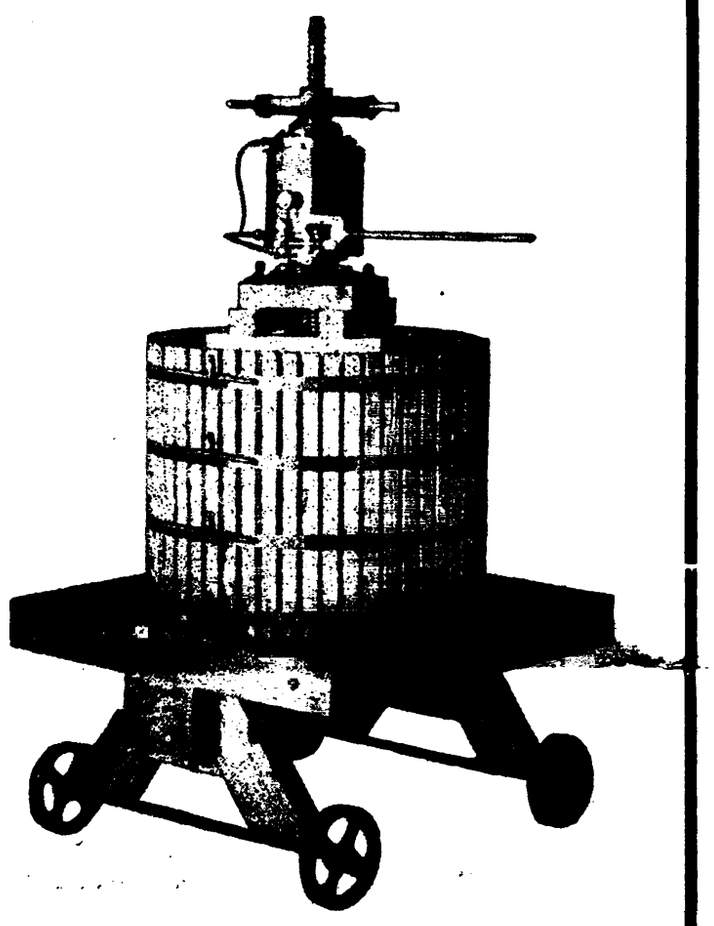
R. Cândido dos Reis, 74-2.º

TELEF. {Est. 17 / Comp. 21 404} PORTO

FRIGORÍFICOS MAQUINAS DE COZINHA Electro-lux

ELECTROLUX, L.DA
PORTO
Praça da Liberdade, 123 — Telef. 25436 496

Aos Viticultores!



Prensas hidráulicas para vinho; Prensas sistemas Ducker e Marnonier; Arco de ferro, etc., aos melhores preços.

492 **JOSÉ MÁRIO MATOS**

Telef. 40340 — R. da Rainha, 141 — GUIMARÃES

Laboratório de Análises

Avenida Eng. Duarte Pacheco — Telef. 40404

GUIMARÃES

FERNANDO XAVIER — TELEF. 40278

FERNANDO MONTEIRO — TELEF. 4742

220

O tempo é dinheiro

Com GAZCIDLA em 5 MINUTOS, faz V. Ex.ª um pequeno almoço; em pouco mais de **meia hora**, faz um assado; em **1 hora** faz todo um almoço!...

Após as Refeições, escusa V. Ex.ª de **gastar horas** lavando a louça, porque GAZCIDLA é uma chama **limpa!**

482

O GAZCIDLA não é tóxico - não faz fumo - não perigoso!

Aquece! Ilumina! Refrigera!

Fogões — Esquentadores de água para Banho e Cosinha! Candeeiros — Aquecedores de sala — Frigoríficos, etc., etc.

GAZCIDLA uma chama viva na cidade, na praia e no campo!

Peça V. Ex.ª minha Senhora, uma demonstração gratuita aos Agentes Centrais TEIXEIRA & FREITAS, L.DA. — Largo dos Navarros de Andrade — GUIMARAES.

464